

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

Bruna de Bragas Freitas

**ENVELHECER DANÇANDO: A DANÇA TRADICIONAL  
GAÚCHA EM GRUPOS XIRUS DE SANTA MARIA/RS**

Santa Maria, RS  
2023

**Bruna de Bragas Freitas**

**ENVELHECER DANÇANDO: A DANÇA TRADICIONAL GAÚCHA EM  
GRUPOS XIRUS DE SANTA MARIA/RS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Gerontologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), linha de pesquisa Sociedade, Envelhecimento e Saúde do Idoso, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Gustavo de Oliveira Duarte

Santa Maria, RS  
2023

**Bruna de Bragas Freitas**

**ENVELHECER DANÇANDO: A DANÇA TRADICIONAL GAÚCHA EM  
GRUPOS XIRUS DE SANTA MARIA/RS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Gerontologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), linha de pesquisa Sociedade, Envelhecimento e Saúde do Idoso, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia**.

Aprovada em 20 de Julho de 2023:

---

**Gustavo de Oliveira Duarte, Dr. (UFSM)  
(Presidente/Orientador)**

---

**Mara Rubia Alves da Silva, Dra. (UFSM)**

---

**Mônica Corrêa de Borba Barboza, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2023

Dedico a quem se permite viver...e dançar...e envelhe(ser)! Dedico aos que têm coragem de romper as (suas) gaiolas invisíveis. Dedico ao destino e às suas incansáveis formas de me inspirar, e me mostrar que seguir é sempre o melhor caminho. Em frente. Enfrente!

## AGRADECIMENTO

Aos meus velhos: pai e mãe, a força de vocês foi a mola propulsora nos momentos difíceis. Obrigada por sempre se empenharem em me educar, estamos colhendo juntos os frutos desses esforços: vocês fizeram brotar a PRIMEIRA MESTRA DA FAMÍLIA! O Zóio de Sapo e a Nara Louca são minha estrutura, meu norte, meu sul, meu centro. Obrigada por me guardarem em suas orações, por compreenderem minhas escolhas. Amo vocês pra além do imaginável, nessas e em todas as outras vidas que virão!

Ao profe Gus, a quem inocente pelos meus erros durante o percurso, e agradeço pelos tantos (muitos) outros acertos. Que sigamos nessa parceria linda e cheia de história pra contar. Obrigada por ter me aberto as portas, me deixado entrar, e me acolhido.

Agradeço a CAPES pela viabilização desta pesquisa.

Gratidão as entidades, grupos e dançarinos por mim pesquisados: sem a disponibilidade, boa vontade e carinho de vocês não teria realizado com êxito esta pesquisa. Obrigada pela confiança no meu trabalho. Obrigada por fortalecerem o tradicionalismo gaúcho.

A dinda Mara que sempre comemora comigo minhas vitórias, sejam aquelas pequenas que no dia a dia vencemos ou as mais especiais e grandiosas. Seguimos em busca de vencer e comemorar as tuas lutas também. Não tem brócolis que nos pare, amém. Ao Didico, meu fiel companheiro, que, nesse último semestre principalmente, foi meu cúmplice nos momentos de válvula de escape. Obrigada por acompanhar minhas peripécias, e ser o parceiro do ‘vamo?’ ‘vamo!’. Aliás, sei que ele tá mais ansioso que eu pelo fim do mestrado: partiu pizzaria hahaha

Ouso dizer que, provavelmente, todo o mestrando tem alguém que é cheio de confiança, mais que a gente mesmo. Eu tenho o Alê. Ele é a pessoa que sempre me diz “calma, já deu certo”. Sou grata pela tua compreensão em tantas horas ausentes e outras tantas estressada.

Laura, obrigada por tudo; tu é uma inspiração. Juju, thank you very much.

A pesquisa guardada na gaveta não vale de nada. Mas se chegou até aí e vocês aceitaram ler: obrigada. Espero envelhecer na companhia de vocês nesses próximos minutos, e fazer os nossos corações dançarem um pouquinho.

O meu muito obrigada a toda e qualquer pessoa que, mesmo sem querer, eu tenha deixado de mencionar. Quero agradecer a todos que estiveram comigo, perto ou longe, possibilitando que este caminho fosse trilhado. Eu realmente sou grata a tanta gente, que é impossível citar todos. Mas eu tirei a sorte grande por ter vocês ao meu lado.

E, por último, agradeço ao universo com todos os seus mistérios e belezas por fazer acontecer. Obrigada ao patrão velho pelas oportunidades de evolução.

Ninguém vence sozinho...obrigada a todos!

O tempo chega, e nos leva a mocidade  
Revelando uma verdade, mesmo sem dizer  
Que a vida vale, a dimensão de um momento  
Pois desde o nascimento, começamos a morrer

Mas a experiência me mostrou outro caminho  
E de mansinho sussurrou novo argumento  
É possível viver, sem olhar para a morte  
Quando se é forte pra aceitar o próprio tempo

A vida é linda mesmo de cabelos brancos  
E pra ser franco eu não lamento envelhecer  
E guardo as lembranças presenteadas por meu tempo  
E busco peito adentro, mais vontade pra viver

A vida de cabelos brancos - Rômulo Chaves.

## RESUMO

### ENVELHECER DANÇANDO: A DANÇA TRADICIONAL GAÚCHA EM GRUPOS XIRUS DE SANTA MARIA/RS

AUTORA: Bruna de Bragas Freitas  
Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Gustavo de Oliveira Duarte

Trata-se de uma pesquisa qualitativa etnográfica (MINAYO, 2014; MAGNANI, 2002) sobre a percepção, corporal e emocional, de sujeitos-dançarinos de internadas xirus da cidade de Santa Maria/RS a partir do seu processo de envelhecimento (GOLDENBERG, 2022; NERI, 2008) em grupos de Danças Tradicionais Gaúchas. Foi analisado 2 grupos xirus, com o total de 28 sujeitos. E ao compreender o tradicionalismo rio-grandense (LESSA, 1984; CÔRTEZ, 1981; CAMILO, PEREIRA, 2013) como interferência cultural no envelhecimento, esta investigação é relevante pelos estudos escassos pensados a partir do público-alvo escolhido, somado ao impacto da dança com função motivadora e socializadora do sujeito mais envelhecido. O caminho deu-se na identificação dos grupos da cidade, e seus dançarinos, da análise da relação das Danças Tradicionais com o envelhecimento ativo (OMS, 2005; CHECOM, GOMES, 2015), e da compreensão dos sujeitos acerca do seu processo de envelhecimento ao explorar a diferença de gênero entre peões e prendas (SCOTT, 1989; LOURO, 2003). Para a realização dessa pesquisa foram abordados referenciais teóricos pertinentes ao tema e a coleta de dados, que ocorreu a partir de questionário (LAGER apud LIMA, 2016; CASTRO, 2020), entrevista (GIL, 2010) e observações registradas em um diário de campo (WINKIN, 1998). Posteriormente analisou-se os dados (BARDIN, 2016) a partir de categorias, as quais foram criadas com informações apoiadas nas ferramentas de coleta de informações. Foi percebido alguns estereótipos com as questões de gênero, entretanto há uma transformação de pensamentos e condutas quanto ao envelhecimento. Apesar da presença de perspectivas de perdas e declínios, a maioria dos/as colaboradores/as encaram o processo de envelhecer de uma maneira livre e coerente, não sendo percebida negação ou rejeição com/por essa fase da vida. Há poesias no envelhecer de quem dança.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Envelhecimento ativo. Dança. Dança gaúcha.

## ABSTRACT

### GROWING AGE DANCING: THE TRADITIONAL GAÚCHA DANCE IN XIRUS GROUPS IN SANTA MARIA/RS

AUTHOR: Bruna de Bragas Freitas  
Advisor: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Gustavo de Oliveira Duarte

This is a qualitative ethnographic research (MINAYO, 2014; MAGNANI, 2002) on the body and emotional perception of subject-dancers of xirus winter festivals in the city of Santa Maria/RS from their aging process (GOLDENBERG, 2022; NERI, 2008) in Gaucho Traditional Dance groups. Two xirus groups were analyzed, with 28 subjects. And by understanding the traditionalism of Rio Grande do Sul (LESSA, 1984; CÔRTEZ, 1981; CAMILO, PEREIRA, 2013) as cultural interference in aging, this investigation is relevant due to the scarce studies thought from the chosen target audience, added to the impact of dance with a motivating and socializing function for the older subject. The way was given in the identification of the groups of the city, and their dancers, of the analysis of the relation of the Traditional Dances with the active aging (OMS, 2005; CHECOM, GOMES, 2015), and of the understanding of the subjects about their aging process by exploring the gender difference between pawns and gifts (SCOTT, 1989; LOURO, 2003). To carry out this research, theoretical references relevant to the theme and data collection were addressed, which took place from a questionnaire (LAGER apud LIMA, 2016; CASTRO, 2020), an interview (GIL, 2010) and observations recorded in a field diary (WINKIN, 1998). Subsequently, the data was analyzed (BARDIN, 2016) from categories, which were created with information supported by the information collection tools. Some stereotypes with gender issues were perceived, however there is a transformation of thoughts and behaviors regarding aging. Despite the presence of perspectives of losses and declines, most of the collaborators face the aging process in a free and coherent way, not being perceived denial or rejection with/by this phase of life. There are poems in the aging of those who dance.

**Key words:** Aging. Active aging. Dance. Gaucho dance.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CPF	Centro de Pesquisas Folclóricas
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
ENART	Encontro de Artes e Tradição Gaúcha
FestMirim	Festival Estadual Tradicionalista Mirim
FestXiru	Festival Estadual Tradicionalista Xiru e Veterano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JuvEnart	Concurso Estadual de Danças Tradicionais Categoria Juvenil
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcha
OMS	Organização Mundial de Saúde
RT	Região Tradicionalista
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO: SITUANDO A PESQUISADORA E A PESQUISA</b> .....	<b>11</b>
1.1 PRENDA-PROFESSORA-INSTRUTORA-PESQUISADORA .....	11
1.2 A PESQUISA.....	12
1.3 OBJETIVOS .....	16
<b>1.3.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>16</b>
<b>1.3.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>16</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL</b> .....	<b>16</b>
2.1 ENVELHE(SER).....	18
2.2 CONTEXTO DOS LOCAIS DE PESQUISA: OS CTGS E A CULTURA GAÚCHA 20	
2.3 AS DANÇAS GAÚCHAS.....	23
2.4 A DIVISÃO DAS CATEGORIAS: VETERANO E XIRU .....	24
2.5 A CONTRIBUIÇÃO DA DANÇA PARA O ENVELHECIMENTO ATIVO.....	26
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>29</b>
3.1 AMOSTRA.....	30
<b>3.1.1 CTG Surungo</b> .....	<b>31</b>
<b>3.1.2 CTG Fandango</b> .....	<b>31</b>
3.2 CRITÉRIOS.....	31
<b>3.2.1 Primeira fase</b> .....	<b>32</b>
<b>3.2.1 Segunda fase</b> .....	<b>32</b>
3.3 COLETA DE DADOS .....	32
3.4 ANÁLISE DE DADOS.....	33

<b>4. ASPÉCTOS ÉTICOS</b> .....	<b>34</b>
<b>5. RISCOS E BENEFÍCIOS</b> .....	<b>34</b>
<b>6. PRIMEIRO CONTATO COM OS DADOS</b> .....	<b>35</b>
6.1 INVERNADA XIRU SURUNGO.....	36
6.2 INVERNADA XIRU FANDANGO.....	37
6.3 A ESCOLHA DOS ENTREVISTADOS.....	40
<b>7 CONTRAPONDO AS ANÁLISES</b> .....	<b>41</b>
7.1 ESPECIFICIDADES ECONÔMICAS-SOCIAIS .....	41
<b>7.1.1. Sociabilidade</b> .....	<b>45</b>
7.2 AMBIENTE INTERGERACIONAL.....	46
7.3 APRESENTAÇÃO OU CONCURSOS? .....	49
7.4 “HOJE É DIA DE VIVER...AMANHÃ NÃO SE SABE” .....	55
7.5 ENTRE SARANDEIOS E SAPATEIOS: DIDÁTICAS E QUESTÕES DE GÊNERO	
63	
<b>8 CONCLUSÃO</b> .....	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>74</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>81</b>
<b>APÊNDICE A – CARTA-CONVITE</b> .....	<b>82</b>
<b>APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO DOS DANÇARINOS</b> .....	<b>83</b>
<b>APÊNDICE C- ROTEIRO DA ENTREVISTA</b> .....	<b>87</b>

<b>APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DOS INSTRUTORES .....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO C – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL .....</b>	<b>94</b>

## 1. INTRODUÇÃO: SITUANDO A PESQUISADORA E A PESQUISA

### 1.1 PRENDA-PROFESSORA-INSTRUTORA-PESQUISADORA

Lê e relê o escrito, tira e acrescenta, enxerta, recompõe. [...] Torna a começar. Uma e outra vez. E continua. Volta aos livros esparramados sobre a mesa. E segue. Afana-se em seu caderno de notas. E continua. Às vezes sente que não tem nada a dizer. E continua escrevendo, e lendo, para ver se encontra o que dizer. O texto vai lhe escapando das mãos. E continua. (LARROSA, 2003, p. 75)

Uma vida permeada entre saias, ensaios, vestidos, bailados, palcos, danças. Admitir essa identidade tradicionalista gaúcha encorajou-me a pesquisar sobre estes mo(vi)mentos que me compõe e me colocam a dialogar de um lugar de considerável apropriação: em 2016 na graduação em Dança licenciatura e em 2021 na especialização em Estudos de Gênero, ambos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Quando iniciei a trabalhar com invernadas artísticas<sup>1</sup>, em 2013, abarcava grupos mirins à xirus<sup>2</sup>. Esses trabalhos começaram na mesma época que iniciei a graduação, então muitos questionamentos surgiram. Por exemplo, as dinâmicas de ensino-aprendizagem nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs)<sup>3</sup>, notoriamente deveriam mudar a medida que a faixa etária alterava. Ao meu ver, era como uma montanha: começava na base, construindo processos a partir das experiências (infantil e mirim), elevava com o aprimoramento e com a extração máxima das condições físicas – e psicológicas – da idade (juvenil e adulto), e começava a pender de novo para a base (veterana e xiru), onde precisava dar condições favoráveis para maior assimilação – do “novo” corpo, das movimentações.

Eu tinha uma experiência em casa: meus pais. Eles sempre dançaram em invernadas e, nos últimos 15 anos, adentraram em um grupo xiru. Daí em diante lembro-me de ouvir: “bah, já foi mais fácil ensaiar”, “não consigo mais girar sem ficar

---

<sup>1</sup> Invernada é uma denominação campeira ligada à criação de gado, mas há o sentido figurado atribuído pelo MTG que significa os grupos de atividades desenvolvidas pelos membros das entidades tradicionalistas. O termo invernada artística é utilizado para designar o conjunto de grupos de danças de um CTG, que de acordo com a idade os integrantes são divididos em categorias: mirim, juvenil, adulta, veterana e xiru, e outros tipos de manifestações individuais, como declamação e troca, por exemplo.

<sup>2</sup> As categorias são divididas por idade: Infantil até 9 anos incompletos, Mirim até 13 anos incompletos, Juvenil até 17 anos incompletos, Adulta a partir dos 15 anos, Veterana a partir dos 30 anos e Xirú a partir de 40 anos

<sup>3</sup> O CTG é a célula base do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), é a entidade de maior abrangência quanto às atividades desenvolvidas, congregando ações culturais, artísticas, cívicas, recreativas, campeiras e sociais

tonta”, “tá difícil memorizar, é muito sapateio<sup>4</sup>”, “coisa boa, vai ter churrasco depois do ensaio”. Hoje essas questões me colocam a refletir sobre o corpo envelhecendo e como é preciso uma adequação das movimentações de acordo com a idade, sobre o motivo de meus pais continuarem dançando, os limites reais desses corpos maduros, como a dinâmica de ensino poderia se adaptar, a importância de manter um bom convívio social depois que as baladas jovens já não se encaixam mais, ou depois de ter se aposentado, entre outras.

Todas as formas de fazer (e pensar) dança imprimem marcas, lembranças e memórias nos corpos, sejam elas boas ou ruins. No CTGs, as danças tradicionais<sup>5</sup> nos fazem apenas reproduzir, sem nem questionar o movimento, mesmo com as mudanças corpóreas do tempo: a dança X continua tendo giros e saltitos, e a solução única é deixar de dançá-la. A partir da graduação fui repensando a forma de compreender os dançarinos das invernadas: não nego as experiências formativas que me constituem, no entanto, busco me questionar e refletir sobre discursos, posturas e modo de ensinar a dança tradicionalista gaúcha para cada sujeito-dançante, a modo de respeitar ao máximo suas novas-velhas percepções de corpo. Mas será que o meu entendimento sobre o envelhecer dos dançarinos dos grupos xirus que acompanho, é de fato a maneira como se sentem e se veem? Eu não os percebo negando o envelhecimento, os vejo acompanhar a passagem do tempo com dignidade e confiança, porém gostaria de analisá-los de maneira que esses sujeitos-dançantes maduros sejam de fato ouvidos e que possam sair da invisibilidade, tanto dentro dos CTGs, como nos ambientes acadêmicos. Este é o meu desafio.

## 1.2 A PESQUISA

No decorrer do tempo e das pesquisas sobre o envelhecimento, vamos compreendendo de que este se configura como um processo influenciado culturalmente. Nas sociedades orientais, por exemplo, a velhice não é ligada a perdas e deterioração (SCHENEIDER; IRAGARAY, 2008). Já um estudo no Brasil com idosos de um centro de convivência para terceira idade de Goiânia/GO (SILVA, Elisângela *et al*, 2006), por exemplo, mostra que os indivíduos percebem aspectos positivos no envelhecimento: a longevidade e a autonomia – principalmente quando se trata da

---

<sup>4</sup> O sapateio se caracteriza pelo ato de bater os pés no solo com a intenção de criar efeitos sonoros para acompanhar o ritmo musical das danças.

<sup>5</sup> São por exemplo as danças do Pezinho, Caranguejo, Pau-de-fitas, Maçanico, Tatu de Castanholas, etc.

questão financeira-, e as experiências; mas também pontos negativos como as alterações fisiológicas, as doenças e as limitações advindas da idade. Além disso, os autores também trazem que os idosos do centro de convivência consideram que a parte financeira, a presença (ou a falta) da família e os grupos sociais influenciam a percepção sobre o envelhecimento, que está relacionado, também, com escolhas feitas ao longo da vida (Ibid).

Com fundamento em Ribeiro (2003), pensemos que a percepção pode ser desenvolvida a partir dos sentidos, sendo assim diferente em cada indivíduo, visto que as atividades sensoriais despertam estímulos que são significados a partir dos contextos onde estão inseridos e características: idade, educação, classe social, política, morador de zona rural ou urbana, religião, cultura. Então, entender como os sujeitos-dançarinos de invernadas xirus, que dançam danças tradicionais gaúchas, percebem esse processo – de modo geral, em seus corpos, na comunidade onde estão inseridos-, é um novo viés para horizontes ainda não explorados, visto que o envelhecer é individual e necessita compreensões e atenção.

A cidade do estudo é Santa Maria, localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul, e por isso batizada de o “coração do Rio Grande”. É a 5ª cidade mais populosa do estado com 296.081 habitantes, segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Em virtude das numerosas instituições de ensino também é conhecida como “cidade cultura”, muito graças a Universidade Federal de Santa Maria, fundada em 1960.

A cultura gaúcha permeia fortemente Santa Maria. A cidade é sede de três dos maiores eventos do estado: Festival Estadual Tradicionalista Mirim – FestMirim; Concurso Estadual de Danças Tradicionais Categoria Juvenil- JuvEnart; e Festival Estadual Tradicionalista Xiru e Veterano- FestXiru, respectivamente referentes a categorias mirim, juvenil e veterano/xiru. Explanamos aqui, dado o tema do estudo, o FestXiru, promovido pelo Centro de Pesquisas Folclóricas (CPF) Piá do Sul, com o apoio da Prefeitura Municipal de Santa Maria, Câmara de Vereadores, Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)<sup>6</sup> e 13ª Região Tradicionalista (RT)<sup>7</sup>. É um evento oficial

---

<sup>6</sup> Movimento Tradicionalista Gaúcho é uma entidade civil, sem fins lucrativos e constitui-se na Federação dos CTGs e entidades afins.

<sup>7</sup> As Regiões Tradicionalistas são órgãos de descentralização administrativa do MTG. Cada Região é constituída por determinado número de CTGs e entidades filiadas, agrupadas de acordo com a sua localização geográfica. No caso a 13ª RT conta com a cidade de Santa Maria e mais 16 municípios.

do Estado do Rio Grande do Sul, e seu propósito é a preservação da tradição gaúcha e sua identidade cultural, bem como a promoção, valorização e a divulgação das artes tradicionais, com foco nas categorias Xiru e Veterano<sup>8</sup>.

Como uma cidade interiorana de constante atuação nas tradições gaúchas, pressupomos que a maioria dos sujeitos-dançantes que chegam na internada xiru tenham passado pelas categorias de base e tenham a dança como atividade habitual. Essa condição torna-se determinante no processo de envelhecimento, e, provavelmente, seja esse hábito que facilite que os sujeitos mantenham a performance independentemente da idade (QUARESMA, 2007) visto que os indivíduos que mantêm as atividades já praticadas nas fases anteriores da vida, ajudam, de modo significativo, em uma manutenção do seu envelhecimento (SIQUEIRA, 2002).

Em uma sociedade onde o corpo assume um status jovem e de capital, envelhecer, em si, pode ser considerado como uma grande perda (GOLDENBERG, 2010). Somam-se alguns declínios funcionais, que levam a perda da autonomia, inclusive nos aspectos do lazer, no caso desse estudo nos grupos de dança. A necessidade de manter-se ativo e atuante em grupos sociais levam os idosos a buscar a dança como ferramenta de auxílio. Nesse ciclo da vida, os movimentos corporais e as suas intensidades já não são mais as mesmas, assim como a condução e concentração ou os elementos de força e equilíbrio. Para esses sujeitos, mais que ajudar a fortalecer as musculaturas, memorização e noções de espaço, por exemplo, dançar auxilia na autoconfiança e bem-estar (ESTEVES et al, 2010). Há numerosas e satisfatórias pesquisas com enfoque em dança e/para/com idosos (LI, 2020; JIANG 2022; OLIVEIRA et al, 2020; SILVA et al, 2018; MELO, 2018) que, geralmente, abarcam temas mais gerais em questões sociais e de bem-estar, por exemplo. Todavia apenas eventuais pesquisas trazem esses conceitos concomitantemente a abordagens holísticas e artísticas para a construção do estudo.

A escritora, filósofa e ativista Simone de Beauvoir em “A velhice” (1990), aborda o envelhecimento sem formar muitos caminhos otimistas e construtivos; mas sim revelando a condição marginalizada e estigmatizada que a sociedade lida com essa categoria. Nesse estudo, os sujeitos abordam o envelhecer de um modo muito

---

<sup>8</sup> Dados retirados do site. Mais informações acessar <https://www.cfpriadodosul.com.br/festxiru>.

sensível, então, nada mais justo que interpelar esse tema com positividade, tratando essa fase da vida de forma carinhosa e bela. Ainda que discutamos os aspectos negativos, “não trato [...] das violências, discriminações e preconceitos sofridos pelos mais velhos. Muitos autores já fizeram isso” (GOLDENBERG, 2022, p.50), por exemplo Vilhena et al (2013), Tompson; Tompson (1999), Gusmão (2001), Garcia et al (2006), Pacheco; Santos (2004).

Compreendemos então, o tradicionalismo gaúcho como grande interferência cultural no envelhecimento na área de estudo da pesquisa, que justifica-se pela importância histórico-cultural e social, pois é um tema de estudos ausentes sobre o envelhecimento pensado a partir de grupos xirus; e pelo oportunismo que tenho, enquanto autora, de estar inserida no meio tradicionalista e ter acesso à invernadas e sujeitos. Soma-se ao fato de que a pesquisa pode ter impacto também para os sujeitos-profissionais atuantes em invernadas artísticas, de modo a contemplar até mesmo didáticas de ensino-aprendizagem; e que a Dança fique em voga como caráter motivador e socializador do sujeito mais maduro. Além de que faz jus a linha de pesquisa “sociedade, envelhecimento e saúde do idoso” do Mestrado em Gerontologia da UFSM.

Repleto de transformações, o envelhecimento envolve fatores psicológicos, culturais, sociais, econômicos, assim, por essa perspectiva, conseguimos ver que não é um processo homogêneo em todas as pessoas, apesar de estarem inseridas no mesmo ambiente. O envelhecimento deixou de ser classificado como condição passiva do sujeito e passou a ser entendido como transição biológicas alicerçadas em propriedades tanto pessoais como culturais. As mudanças psíquicas e corporais são únicas e singulares, e, lentamente, vão sendo identificadas e experienciadas conforme a sociedade/cultura na qual o indivíduo está adentrado. A cultura, é como um coletivo de significados, que, partilhado, é substancial na construção das experiências, interpretações de mundo e ações (GEERTZ, 1989). Nesse sentido a cultura gauchesca se torna mote desse estudo. Sem separar a vida da arte e/ou a arte da vida, em uma análise limitada, porém não limitante, a questão principal que norteia esse estudo é: *como se dão as percepções sobre o processo de envelhecimento, a partir das danças tradicionais gaúchas, de dançarinos de invernadas xirus da cidade de Santa Maria-RS?*

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 Objetivo Geral

Compreender e analisar a Dança Tradicional Gaúcha e sua relação no envelhecimento de dançarinos de invernadas xirus da cidade de Santa Maria/RS.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

- 1) Identificar os grupos xirus da cidade de Santa Maria-RS, e o perfil sociodemográfico de seus dançarinos;
- 2) Analisar as Danças Tradicionais Gaúchas como condição colaborativa para o envelhecimento ativo;
- 4) Analisar como os dançarinos compreendem o (seu) processo de envelhecimento;
- 5) Relacionar a percepção do processo de envelhecimento entre peões e prendas.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

Para este estudo realizei uma busca assistemática dos últimos 5 anos (2018-2022) por meio de consultas nas bases de dados do Google Acadêmico, PubMed (US National Library of Medicine), portal SciELO Brasil (The Scientific Electronic Library Online), Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde, repositórios de Universidades e Google Acadêmico. Usei as seguintes palavras-chaves: envelhecimento, dança, danças tradicionais, danças gaúchas, gênero. A partir disso encontrei 514 artigos que, após leitura e fichamento, destaquei 13 por serem os mais próximos da temática do estudo. O quadro 1 apresenta a síntese de pesquisas:

Quadro 1- Revisão de estudos

	TÍTULO	ANO	AUTOR	OBJETIVO	POPULAÇÃO DE ESTUDO
PUBMED	The effect of traditional tibetan guozhuang dance on vascular health in elderly individuals living at high altitudes	2020	Guofeng Li, <b>et al</b>	Avaliar o efeito da dança sobre fatores vasculares e hemodinâmica cerebral	Idosos nas regiões do planalto Qinghai-Tibetano que praticavam regularmente dança tibetana
	Functional re-organization of cortical networks of senior citizens after a 24-week traditional dance program	2018	Vasiliki Zilidou <b>et al</b>	Investigar se as danças tradicionais gregas podem melhorar o estado cognitivo, físico e funcional dos idosos	Idosos em grupo de treinamento e grupo de controle ativo com danças tradicionais gregas
SCIELO	Influence of square dancing on motor function of middle-aged and elderly women	2022	Yuansong Jiang	Explorar o efeito dos exercícios de dança de quadrilha de longa duração sobre a função motora nas mulheres de meia-idade e idosos.	Idosas e mulheres de meia-idade chinesas
	A Dança Sênior como recurso do terapeuta ocupacional com idosos: contribuições na qualidade de vida	2020	Aline Miotto Nadolnya <b>et al</b>	Analisar e identificar possíveis contribuições na qualidade de vida de idosos participantes de oficinas de Dança Sênior aplicadas como recurso do terapeuta ocupacional.	Idosos (idade igual ou superior a 60 anos), de ambos os gêneros do Paraná
BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES	Prática de danças tradicionais do Rio Grande do Sul como fator de proteção para a mobilidade, experiência de quedas e qualidade de vida em idosos	2019	Cléia Rocha De Oliveira	Avaliar se o hábito de praticar Danças Tradicionais do Rio Grande do Sul constitui-se como um fator protetor para a mobilidade corporal, ocorrência de quedas, e qualidade de vida, em idosos moradores da região nordeste do estado.	Idosos quaisquer gêneros, divididos em dois grupos: praticantes (caso) e não praticantes (controle) da dança regionalista do Rio Grande do Sul
GOOGLE ACADÊMICO	A dança tradicional gaúcha como fator de mudança: um estudo na perspectiva sociocultural	2019	Eduardo Fernandes Antunes	Experienciar a dança tradicional gaúcha enquanto elemento imprescindível para o desenvolvimento de habilidades e para a formação integral dos participantes	Grupo De Artes Mistas (GAM) Campeiros da Tradição, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande Do Sul (IFRS)/Campus Ibirubá
PORTAL REGIONAL DA BVS	Idosos frequentadores de clubes de dança possuem maior propósito na vida do que os não frequentadores	2020	Daniel Vicentini Oliveira <b>et al</b>	Comparar o propósito de vida entre idosos frequentadores e não frequentadores de clubes de dança.	Idosos participantes ou não de clubes de dança de São Paulo
	Experiências de pessoas idosas que participam de grupos de convivência	2020	Sabrina da Silva Guerra <b>et al</b>	Apreender experiências de pessoas idosas que participam de grupos de convivência.	Pessoas idosas que frequentam grupos de convivência em um município no interior da Bahia
	Dança de salão para idosos: estratégia de educação em saúde	2020	Carola Rosas <b>et al</b>	Relatar a experiência de desenvolvimento da oficina de dança de salão associada às ações de educação em saúde e envelhecimento saudável.	Pessoas de 50 anos ou mais matriculadas no "Programa UNIVERSIDADE" (UNICAMP) – SP
	A dança e o envelhecimento: benefícios descritos na literatura	2018	Kelly Maciel Silva <b>et al</b>	Conhecer os benefícios apresentados pelas publicações científicas a respeito da dança na terceira idade	Diversos sujeitos, pois é uma revisão integrativa
	A influência do tempo de prática de dança de salão nos níveis de depressão de idosos	2018	Cristina Carvalho de Melo	Verificar se a prática regular de dança de salão pode modificar os níveis de depressão em idosos.	Idosos de ambos os sexos praticantes de dança de salão em uma instituição particular de dança na cidade de Belo Horizonte – MG

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Esse foi um primeiro movimento em busca de estudos, já que são áreas (Dança e Gerontologia) polissêmicas, polimórficas, multi e interdisciplinar. Portanto, nessa análise inicial percebo que a maioria das pesquisas buscou apresentar benefícios da dança em diferentes contextos. No entanto, identifiquei apenas 2 (dois) estudos com enfoque nas danças tradicionais e cultura gaúcha os quais mais se aproximam com o tema dessa pesquisa: “A dança tradicional gaúcha como fator de mudança: um estudo na perspectiva sociocultural” (ANTUNES, 2019) e “Prática de danças tradicionais do Rio Grande do Sul como fator de proteção para a mobilidade, experiência de quedas e qualidade de vida em idosos” (OLIVEIRA, 2019). Porém, eles tratam da questão social e de saúde, não evidenciando a dança como questão principal junto ao envelhecimento, outrossim, nenhum faz relação aos grupos xirus. Sendo assim, o tema segue sendo original e de poucas (ou nenhuma) publicações, sobretudo em formato de artigo.

## 2.1 ENVELHE(SER)<sup>9</sup>

A única categoria social que inclui todo mundo é velho. Somos classificados como homem ou mulher, homo ou heterossexual, negro ou branco. Mas velho todo mundo é: hoje ou amanhã. (GOLDENBERG, 2022, p. 21)

Como quem cumpre um ritual, o tempo percorre a vida, leva a mocidade, as geadas caem sobre os cabelos e ano a ano, ainda que a contra gosto, aparece um traço novo no rosto. Mesmo que tentemos ludibriar a intervenção do tempo, seguimos sujeitos a ele: envelhecer é um processo universal, progressivo e começa a contar desde o nosso nascimento (FRANCO,2010). Assim, entende-se que a

compreensão de envelhecer não está relacionada diretamente à idade cronológica, mas, sim, ligada às alterações no corpo, de forma biológica, fisiológica, social e intelectual, todas as alterações acontecem com naturalidade de uma forma dinâmica, gradual e irreversível (SILVA, Elaine, et al, 2017, p.55-56)

O mundo está ficando mais velho e pensemos esse processo como um êxito, visto que o desenvolvimento progressivo da longevidade é uma das grandes conquistas da humanidade (OMS, 2000). Consequentemente surge essa “nova população” que é ativa na sociedade, ao mesmo passo que ainda em busca de

---

<sup>9</sup> Poeticamente, escolhi mudar a expressão e destacar o ser, a subjetividade dos sujeitos. O envelhecimento é um processo individual e de potentes possibilidades de cada indivíduo. Em suas singularidades, o envelhecer de cada ser...o ser e o viver a velhice.

possibilidades no mundo contemporâneo. Já no Relatório Mundial sobre o Envelhecimento e Saúde (OMS, 2015) os sujeitos estão sendo trazidos por um novo perfil, com a ideia da longevidade e o aumento das oportunidades de vida/sonhos (e suas realizações), e que, apesar das perdas fisiológicas/físicas/cognitivas novos papéis são assumidos. Visto isso, tendo uma percepção mais leve e otimista para com os sujeitos envelhec(endo)(idos).

Por muito tempo minimizaram as múltiplas peculiaridades dos sujeitos e homogeneizaram as experiências e singularidades. No início da Gerontologia<sup>10</sup> era assim, e as pesquisas apontavam o envelhecimento como o oposto do progresso, fazendo com que estereótipos de velhice associado com doenças fossem disseminados. A produção de conhecimento sobre os processos de envelhecimento tomaram grandes dimensões, legitimando a Gerontologia como um campo de conhecimento (multi)(inter)disciplinar (NERI, 2008). Quando pensamos o envelhecimento com base na antropologia, nos voltamos para o viés dos significados de como os indivíduos veem a velhice de um modo geral, como se veem envelhecendo e como a sociedade compreende/(re)coloca/lida com essa classificação etária. Esses aprofundamentos de pesquisa são importantes porque colocam em voga as pessoas mais velhas, numa posição de sujeitos ainda em atuações sociais, e torna relevante as experiências de envelhe(ser).

Nesse estudo, tenho Mirian Goldenberg como inspiração, pois não trata velhice de um modo singular, e sim com distintos trajetos e trajetórias das velhices, do processo de envelhecimento e dos seres parte dessa categoria. Como ela mesmo afirma “é importante ressaltar que a maior parte da população brasileira não tem o direito e a possibilidade de [...] uma ‘bela velhice’ ” (GOLDENBERG, 2022, p.17) mas aqui, assim como no livro dela<sup>11</sup>, quero que se abra um caminho poético dos/para os/com os sujeitos-dançantes que se reinventam e vivem um bom período da vida: independentes, saudáveis, felizes, livres. Assim como Carpinejar (2015) usou a crônica *Pode me Chamar de Gay*<sup>12</sup> para apropriação do termo gay, eu gostaria de fazer o mesmo com o domínio do ser velho, modificar “[...] uma categoria de acusação

---

<sup>10</sup> Definido como o estudo do prolongamento da vida através de intervenções médicas, ideado por Élice Metchnikoff no começo do século XX. (GROISMAN, 1999).

<sup>11</sup> A invenção de uma bela velhice: projetos devida e a busca da felicidade.

<sup>12</sup><https://www.facebook.com/carpinejar/posts/viadoestamos-em-2015-depois-de-tudo-o-que-vem-sendo-discutido-sobre-o-fim-do-pre/1072624569424521/>

em uma identidade valorizada positivamente por todas as mulheres **[e homens]** que estão envelhecendo” (GOLDENBERG, 2022, p 151, grifo da autora).

Envelhecer, não se trata se caminhar por um percurso já traçado, trata-se de admitir aspectos e desafios novos e da resiliência de se construir atitudes que auxiliem na superação desses obstáculos e conflitos (NOVAES, 2000). No processo de envelhecimento mudamos as perguntas; passamos do “o que é que a vida quer de mim, qual é o meu significado para o mundo” para “o que eu quero da vida” (ABREU, 2017), enfim. Envelhecer é saber ser em qualquer lugar, circunstância e tempo. Envelhecer é o ser em sua mais genuína essência. Envelhe(Ser)!

## 2.2 CONTEXTO DOS LOCAIS DE PESQUISA: OS CTGS E A CULTURA GAÚCHA

Por maior que tu sejas Rio Grande  
Caberás sempre dentro de mim  
(Simão Goldman)

Com início em meados de 1950 na Inglaterra, os Estudos Culturais se preocupam com o investigar e estudar as culturas ao mesmo passo que favorecem a inclusão de temas e vozes que, por um ponto de vista tradicional, foram pouco teorizados e, assim, ocultados. Os estudiosos desse viés veem a cultura como chance de afirmações identitárias, assim, a cultura não é homogênea e está sempre em construção e transformações. Compreendemos, então, cultura como uma sistemática de significação e sentidos, que, por sua vez, passam a ser compartilhadas aos seus grupos e gerações. Assim, cada sociedade/comunidade atribui distintos significados para um mesmo determinado objeto ou fenômeno, alterando suas visões e maneiras de viver (MEYER, 2000).

As culturas ganham sentidos pelos significados que damos a elas, através de linguagens, signos, conceitos, etc. As “coisas” não vêm com interpretações dadas de antemão, é por meio de processos singulares e complexos, que por vezes são divididos com os grupos ao qual pertencemos, que ganham definições. Os significados se constroem a partir daquilo

[...] que reconhecemos como certo/errado, normalidade/desvio, nós/eles, homem/mulher, entre outros, o que significa entender que é na linguagem que se produzem e se colocam em ação os mecanismos e as estratégias de diferenciação/identificação que estão na base dos processos de particularização que constituem os diferentes grupos sociais (MEYER, 2000, p. 57).

No cenário da cultura Rio Grandense, há um termo que representa identifica todos os indivíduos, homens e mulheres, nascidos nesta terra: gaúcho. É “uma linguagem singular, para tratar de um tema singular: sua terra e sua gente” (RUAS, 1999, p. 35), e que naturalizada, a expressão é significativa ao ponto de entendermos o modelo patriarcal da história rio-grandense.

Por meio do processo de significação construímos nossa posição de sujeito e nossa posição social, a identidade cultural e social de nosso grupo[...]. Produzimos significados que queremos que prevaleçam relativamente aos significados de outros indivíduos e de outros grupos. (SILVA, T., 2001, p. 21).

Nesse sentido, quando se fala a palavra gaúcho, o imaginário remete a um homem forte e viril; a ideia de gaúcho como termo mais abrangente a todos os sujeitos fica em segundo plano. Essa ideia corrobora com Hall (1997), que diz que a produção de significado é através

[...]da forma como a representamos – as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca destas coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, os valores que lhes atribuímos. (p.4).

Quem faz parte do tradicionalismo gaúcho não é passivo da cultura, é sujeito ativo da mesma, que nunca está estanque. Desde a fundação do primeiro CTG<sup>13</sup> pelo gaúcho Paixão Côrtes<sup>14</sup>, por exemplo, local criado para imitar os galpões de estância na cidade grande com propósito de preservar as tradições e costumes do gaúcho, os significados e sentidos do gaúcho passam a ser produzidos e reproduzidos. Quando Lessa (1984) diz que os homens -andarilhos, índios, tropeiros, forasteiros- podiam adentar, tomar mate, aquecer-se no fogo de chão, e pernoitar nos CTGs, nos dá a compreensão de que, mesmo na cidade, o sentido desses recintos continuavam sendo de reunião, apoio e amparo, preservando, de certo modo, os princípios aprendidos ainda no campo. Há, então, um recorte brusco de gênero: os CTGs só recebiam homens, e, corroborando Paixão Côrtes dizia “quando eu falo em sociedade gaúcha me refiro àquela formada só por homens” (1981, p.52). Ou seja, Na cultura gaúcha, em especial dentro dos CTGs, também é produzido uma construção de gênero, pois é ensinado a ser homem e homem/peão e prenda.

<sup>13</sup> O primeiro CTG fundado foi o 35 CTG na cidade de Porto Alegre/RS, em 1948.

<sup>14</sup> Tradicionalista Nascido em Santana do Livramento/RS em 1927. Atuou como revisor de texto de várias novelas e no cinema, locutor de rádio, bailarino e canto. Também foi criador do primeiro Manual de Danças gaúchas, em 1955, obra que aborda a origem das Danças tradicionais, seus passos e sapateios.

Nesse estudo compreendemos gênero por uma construção sociocultural (SCOTT, 1989) que alterna conforme cada sociedade e ao decorrer da história. Somando ao pensamento de Louro (2003) onde a intenção é de entender gênero como um conceito que abrange a identidade dos indivíduos, não apenas uma determinação de papéis binários que orientam comportamentos determinados socialmente. O elemento do gênero junto com outras categorias sociais como raça e classe, por exemplo, são partes da construção das nossas subjetividades. Portanto, envelhecer em solo gaúcho, onde a prenda<sup>15</sup> é culturalmente considerada objeto de grande valor e apreciação, é um desafio grande para as mulheres; que com o tempo foram adentrando os CTGs. As primeiras foram as mulheres, irmãs, filhas dos homens dali associados, depois, com a criação das invernadas artísticas e grupos de danças que as demais efetivamente puderam participar das atividades dentro das entidades (CUNHA; KARAWEJCZYK, 2014).

Assim, a contar da “invenção do imaginário” da figura do homem gaúcho, dá-se a idealização construtiva da figura da mulher tradicionalista. Esta, agora presente nos CTGs, trazia a inquietação para os homens: como chamá-las? Se china, eram designadas as “mulheres da vida” - que aqueciam os homens de corpo e alma, os ajudavam com os ferimentos de guerra e os estimulavam no combate (SILVA; CIRNE, 2013)- precisavam de um chamamento que significasse todo o valor que suas mulheres representavam. Prenda! Esse foi o termo escolhido, significado de objeto de valor, joia rara, mas também do verbo prender, pois tinham as rédeas do peão e era pra ela –e pro rancho que ela o esperava- que acabava por voltar (MACIEL, 1994). Portanto, a mulher no tradicionalismo a idealização de “recato, delicadeza e submissão em oposição às características masculinas (associadas à força e à liberdade) representadas na figura do gaúcho.” (DUTRA, 2002, p.53). Foi deste modo que a mulher começou a ser moldada enquanto prenda: os vestidos de prenda, as atividades que estariam de acordo com o feminino -incluindo ser par dos homens nas danças de salão e tradicionalistas-, etc. Ser prenda de faixa, por exemplo, é única função restritamente relacionada ao feminino gaúcho. Em virtude disso, é preciso evidenciar as Cirandas Culturais de Prendas. Estes eventos nada mais são que concursos que elegem as prendas, sejam regionais ou estaduais. Nas Cirandas as ganhadoras são as “mais prendadas”, são escolhidas as prendas “ideais” –baseadas

---

<sup>15</sup> Chamamento das mulheres na cultura gaúcha

no imaginário que devem saber dançar, cantar, declamar, bordar, cozinha, etc.-, ou seja, que representem e conservem o estereótipo da mulher gaúcha. Portanto, mesmo com esse destaque, as prendas de faixa ainda representam o feminino em um lugar baseado na idealização valores retrógrados da cultura gaúcha.

### 2.3 AS DANÇAS GAÚCHAS

O Rio Grande do Sul iniciou seu processo formativo após mais de dois séculos da descoberta do Brasil. Sendo assim, o povo gaúcho se constrói como uma salada racial, um mosaico-cultural, devido a colonização, onde nosso folclore é resultante dessas influências que, aos poucos, foram agauchadas e incorporadas a cultura local. Assim, as danças rio-grandenses tem origem das antigas danças do Brasil –negras e indígenas- e daquelas trazidas pela imigração - platinos, açorianos, alemães, italianos, poloneses. Os primeiros registros de danças artísticas foram nas reduções missioneiras, em 1752 com os Açorianos, logo as danças trazidas por eles foram ganhando a cara dos gaúchos (CAMILO; PEREIRA, 2013).

A incorporação das danças nos Centros de Tradições Gaúchas se deu a partir de 1953, pois até então não havia nenhum estudo sobre danças típicas rio-grandenses. O pontapé inicial foi a partir de 1949, em Montevideu, no Dia da Tradição Uruguaia onde apenas a comitiva gaúcha, representada pelos integrantes do 35 CTG e do Clube Farrapos da Brigada Militar, não tinham nenhuma manifestação típica em forma de dança para apresentar. Após essa experiência, João Carlos Paixão Cortes e Luiz Carlos Barbosa Lessa começam a pesquisar para coreografar as danças gaúchas, entretanto, “[...]não podemos afirmar que as mesmas foram encontradas na sua integralidade e nem que sejam todas danças tradicionais, além de que [...] alguns temas coreográficos e musicais foram criados e/ou adaptados pelos pesquisadores” (CAMILO; PEREIRA, 2013, P.32). Assim, dá-se o primeiro Manual de Danças Gaúchas, destinado aos CTGs e escolas primárias, lançado pela Comissão Nacional do Folclore, que continha explicações tanto coreográficas quanto musicais. É importante citarmos que, com o passar dos anos, essa obra foi revisitada e dela saíram novas versões, como o livro Danças Tradicionais Gaúchas de 2003, que reúne de forma mais elucidada as 25 danças tradicionais gaúchas, que, pela lei 12.3725 foram reconhecidas como patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, são elas: Anu, Balaio, Cana Verde, Caranguejo, Chico Sapateado, Chimarrita, Chimarrita Balão,

Chote Carreirinho, Chore de Sete Voltas, Chote de Duas damas, Chote de Quatro Passi, Chote Inglês, Havaneira Marcada, Maçanico, Meia Canha, Pau de Fitas, Pezinho, Queromana, Rancheira de Carreirinha, Rilo, Roseira, Sarrabalho, Tatu de Castanholas, Tatu de Volta no Meio, Tirana do Lenço.

A partir de Fagundes (2011) percebemos que essas danças foram fundamentais para o desenvolvimento mais rápido do Movimento Tradicionalista, aumentando o reconhecimento dos CTGs e agregando mais indivíduos para as entidades. Ao longo dos anos os salões das entidades deixaram de ser o único palco, e as danças gaúchas tradicionais ganharam lugar nas competições, através das invernadas artísticas. Um exemplo é o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART), reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como o maior festival de arte amadora da América Latina, bem como o maior evento tradicionalista gaúcho do mundo, que reúne mais de 25 mil participantes e conta com um público estimado em torno de 70 mil pessoas. Assim como o Festival Estadual Tradicionalista Xiru e Veterano (FestXiru), realizado na cidade de Santa Maria pelo CPF Piá do Sul, evento onde o público alvo deste estudo compete.

#### 2.4 A DIVISÃO DAS CATEGORIAS: VETERANO E XIRU

Ao pesquisar o tradicionalismo gaúcho com viés no envelhecimento e nos grupos xirus me deparei com uma barreira: tendo em vista ser um tema de pouca exploração, há escassez de informações e pareceres. Alguns dados são passados por comunicação oral, que em, em grande parte, acabamos por perder por não ser repassados. Para compartilharmos dos esclarecimentos desse item “A divisão das categorias: veterano e xiru”, enviei e-mails para a 13ª RT e MTG, sem sucesso com nenhuma informação. Foi então que resolvi buscar algumas fontes pessoais. Por uma rede social fiz contato com o senhor João Carlos Cardoso de Lima, atualmente coordenador da comissão organizadora do FestXiru. A ele levei a seguinte questão: “Como se deu a constituição das categorias veterana e xiru? Como elas foram categorizadas nessa idade? Quando o FestXiru começou a receber a categoria

veterana? E a partir de qual Convenção<sup>16</sup>?”. Procurei-o sem saber que a proposição da divisão das categorias havia sido concepção dele mesmo.

### **PROPOSIÇÃO Nº 25 – INCLUSÃO DA CATEGORIA XIRU NOS EVENTOS ARTÍSTICOS**

AUTOR: João Carlos Cardoso de Lima, Coordenador da 13ª Região. <sup>17</sup>

RESUMO: Altera o artigo 5º do Regulamento Artístico do Estado, incluindo o item “VI” e suprime o § 2º, passando a ter a seguinte redação:

Art. 5º - Nos eventos artísticos, os concursos poderão ser divididos por categorias, como segue:

I - Infantil - até nove (9) anos (não pode ter feito 10).

II - Mirim - até doze (13) anos (não pode ter feito 14).

III - Juvenil - até dezessete (17) anos (não pode ter feito 18).

IV - Adulta – mínimo de quinze (15) anos.

**V - Veterano - mínimo de trinta (30) anos.**

**VI - Xiru - mínimo de quarenta (40) anos.**

§ 1º - Os concorrentes de categorias inferiores poderão subir de categoria e competir com as categorias superiores, com exceção das categorias veterana e xiru, que deverão obedecer à idade mínima estabelecida neste regulamento. Para a mesma modalidade, o concorrente deverá optar por uma categoria em cada evento que participar.

§ 2º - A comprovação da idade será feita mediante apresentação do Cartão Tradicionalista.

JUSTIFICATIVA DO AUTOR: Os eventos utilizam estas categorias, principalmente, na modalidade de Danças Tradicionais. **Neste caso, é visível que os grupos estão buscando dançarinos mais jovens, na faixa dos 30 anos, com o objetivo de se tornarem mais competitivos, fazendo com que os de mais idade fiquem desmotivados. Isto está fazendo com que diminua as invernadas** com aqueles grupos que buscavam outros objetivos que não apenas a competição, o que, com certeza, retornará com a divisão das categorias, ou, na pior das hipóteses, voltarão a ser competitivos na sua faixa etária, voltando, assim, a motivação e o retorno ou a formação de novos grupos. Por outro lado, a experiência de duas categorias acima de 30 anos já está em vigor em outros estados da federação com resultados altamente positivos. Para as invernadas que não possuem dançarinos suficientes para dois grupos, poderão abrigar todos na categoria veterano, pois o regulamento assim o permite.

RELATOR: César Cristiano Policena de Oliveira.

PARECER: Favorável.

VOTAÇÃO: Aprovado por unanimidade o parecer do Relator, aprovada a proposta.

(Ata da 7ª sessão plenária da 77ª Convenção Tradicionalista Gaúcha, 2012, grifo da autora).

Foi na 77ª Convenção, em julho de 2012 na cidade de Guaporé, no CTG Última Tropeada, que se deu a proposição. Segundo o senhor Lima, a motivação da segmentação das categorias se deu porque, com o passar dos anos, começaram a

<sup>16</sup> Anualmente o Movimento Tradicionalista Gaúcho proporciona aos tradicionalistas as Convenções. São eventos pertinentes que ocorrem para se adotar medidas de organização, a escolha dos dirigentes do MTG, por exemplo, e também as regras dos regulamentos. É esta última citada que nos diz respeito para contextualizar esse momento de leitura.

<sup>17</sup> Era coordenador da 13ªRT no ano da proposição, 2012.

ser organizados invernadas com sujeitos mais novos. Ele percebeu essas mudanças no FestXiru, assim como notou a desmotivação dos grupos xirus no concurso.

Ainda assim seguia com a inquietação: “Por que teria sido a escolha da idade de 40 anos ou mais pra dançar na invernada xiru e não os 50, por exemplo?”. Ao questionado, Lima disse que na época fez uma pesquisa de campo e quase não havia dançarinos de 50 anos pra cima. Ainda apontou que se a idade para invernada xiru fosse 50 anos ele acredita que não teria quase nenhum grupo dançando no concurso que ele coordena: “Para você ter uma ideia, para conseguirmos ter 10 xirus no FestXiru temos que abrir a exceção de no mínimo 3 coringas”. Coringas são dançarinos com idade fora do padrão permitido no regulamento. Por exemplo, a última edição do FestXiru em 2022, contou com o seguinte parágrafo do Artigo 11:

§ 1º – Excepcionalmente na modalidade de Danças Tradicionais haverá a exceção para inscrever: - Categoria "Veterano": até 03 (três) dançarinos entre 26 e 29 anos. - Categoria "Xiru": até 03 (três) dançarinos entre 36 e 39 anos. (Regulamento do XXIV FestXiru, 2022)

Diante das informações trazidas ainda fico reflexiva sobre as idades de cada categoria. Mas esse é um assunto que virá na discussão dos dados da pesquisa.

## 2.5 A CONTRIBUIÇÃO DA DANÇA PARA O ENVELHECIMENTO ATIVO

O conceito de envelhecimento se modificou ao passar do tempo, deixando de ser considerado apenas como sinônimo de ociosidade, doença, perdas. A expressão Envelhecimento Ativo vem sendo teorizada e usada bastante na área da Gerontologia.

Dado o significado de “ativo” para a participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho” (OMS, 2005, p. 13).

Atualmente o envelhecimento ativo direciona para que os sujeitos

[...] percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários. A palavra “ativo” refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho. As pessoas mais velhas que se aposentam e aquelas que apresentam alguma doença ou vivem com alguma necessidade especial podem continuar a contribuir ativamente para seus familiares, companheiros, comunidades e países (OMS, 2005, p.13).

Visto isso, nessa lógica, o envelhecimento ativo muda a visão sobre cuidar das questões psicossociais e motoras durante a velhice, mas sim ao longo de toda a vida, que vai refletir em um envelhecimento com mais autonomia e independência, mantendo essa faixa etária mais ativa e saudável por mais tempo.

Envelhecer (e permanecer) ativo fica à mercê das oportunidades que são oferecidas em cada contexto social. No caso do estado do Rio Grande do Sul, a cultura ampara os sujeitos com a possibilidade de inserção nos CTGs. Geralmente o sujeito-dançante do meio tradicionalista gaúcho começa suas atividades entre a infância e a juventude, e “[...] ao envelhecer, o indivíduo se defronta com a mudança nas condições físicas, psicológicas e sociais típicas desse período da vida, mas suas necessidades psicológicas e sociais permanecem as mesmas de antes” (SIQUEIRA,2002, p. 49). Entretanto, o corpo está para o indivíduo do mesmo modo que a dança está para quem a pratica (MORTARI; BATALHA, 2016), assim, as novas limitações de um corpo em envelhecimento passa a ser uma grande desafio. Isso porque as danças tradicionalistas gaúchas são guiadas por um manual codificado, onde os passos são rígidos e sistêmicos, podendo até ser caracterizados como uma “colagem” que independe do corpo do sujeito-dançarino, que deixa de lado, a partir da repetição, as dificuldades e déficits pela idade, até que os movimentos sejam invisíveis ao olhar do outro (plateia e júri). Pois, apoiado em Schwaiger (2005), o modo como essa dança é praticada pode revelar, ao longo do processo de envelhecimento, contribuições para com as mudanças de pensamento e visões sobre regras culturais sobre corpo/dança/envelhecimento. E mesmo de forma mais clássica, tradicional e de dinâmica fechada, ainda conseguimos ter na dança tradicionalista gaúcha uma assistência para o envelhecimento saudável.

No arranjo entre movimento, música, ritmo, passos, memorização, convívio e interação social; a dança é uma execução complexa e de habilidades vantajosas para o desenvolvimento humano, ainda mais em fase de envelhecimento, onde alguns déficits vão aparecendo. Trata-se dos processos de senescência e senilidade. O primeiro termo, respectivamente, condiz com ao desgaste físico e mental que ocorre de forma morosa e gradativa; já o segundo faz referência a perspectiva patológica, quando a decaída física é mais evidente e soma-se a confusão mental (FRANCO,2010). Somado a esta ideia, salientamos que há funções dos sujeitos que se mantem mais conservadas que as outras, sendo mais discreto para uns e mais ágil

para outros, visto que, envelhecer não é homogêneo e há suas variações pelo contexto de inserção. Corroborando, Motta (2007) expõe que os sujeitos são, concomitantemente, semelhantes e diferentes, proporcionando o entendimento que a equivalência de idade não é determinante para que as características sejam semelhantes. Posto isso, as causas motivadoras de tantas multiplicidades dependem na cultura, da genética, do surgimento (ou não) de algumas doenças, do estilo de vida dos indivíduos, tal como as situações socioeconômicas e os fatores psicológicos, por exemplo.

É importante citarmos que a dança melhora a resistência cardiorrespiratória, desenvolve a força muscular, diminuiu as dores osteomusculares, auxilia na autonomia (CHECOM; GOMES, 2015). E além de todos os benefícios, acreditamos que, para além deles, a adesão as danças gaúchas é pelo gosto da prática em si, por ser uma atividade de prazer e de bom convívio social. Segundo Quaresma (2007), com a intenção de extinguir discriminações e isolamentos, o envelhecimento ativo pode ser classificado como um plano de inserção e realocação social. Por conseguinte, pensemos na dança como colaboração para com o envelhecimento ativo, no que se refere a benefícios físicos, cognitivos, motores, sociais, como atividade motivadora, ferramenta de partilha de experiências, combate ao isolamento social (CHECOM; GOMES, 2015).

Ao invés de excluir a representação dos corpos mais velhos na dança, essas peculiaridades que esses sujeitos-dançarinos trazem as transformações em função do envelhecimento, assumindo lugares e posicionamentos, deixando de lado o entender social comum de declínio psicomotor. Ou seja, colocar em questionamento, também, o que o envelhecimento dos sujeitos-dançarinos agrega para esse dançar, e não somente o que a dança pode fazer por esses (TOYAMA, 2017). Assim, pensar os sujeitos a partir dessa visão do envelhecimento ativo é uma ajuda na desconstrução de estereótipos negativos sobre essa fase da vida. A partir de (GONÇALVES, 2015) sabemos que, estudos já mostram que o viver muito tempo não desqualifica os sujeitos, muito pelo contrário, pois vivendo esse processo de maneira ativa, produtiva e bem-sucedida, é cada vez mais potente envelhecer!

### 3. METODOLOGIA

[...] não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma ou outra maneira de conceber as relações entre saber e poder (COSTA, 2007, p.18)

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, apoiada, a partir de Minayo (2014) no interesse das vivências, experiências, relações e nos significados e olhares que os indivíduos dispõe para os fenômenos. A abordagem também tem base em Veiga-Neto (2000), com fundamento nas teorizações Foucaultianas e na estrutura teórica dos Estudos Culturais. Pode-se entender os Estudos Culturais bifurcados em duas orientações: uma que envolve estudos de comunicação de massas e literaturas elaboradas por/para as classes populares, e outra que é voltada ao estudo das populações e grupos minoritários. Nessa pesquisa, a última citada é usada como base, pensando os sujeitos-dançantes mais velhos. A abordagem aqui posta, vincula, dentre alguns pontos a concepção de Foucault sobre discurso e sujeito, (VEIGA-NETO, 2000), por exemplo. Assim, “pesquisar, na perspectiva Foucaultiana, configura-se como um exercício de reflexão sobre a relação que o sujeito estabelece consigo a partir de certas verdades que culturalmente lhe são atribuídas ou impostas” (DUARTE, 2013, p.52-53). Possibilitando a compreensão das perspectivas e padrões que irão discernir discursos/relações/práticas das sociedades e dos grupos que as compõe, empregamos o a metodologia etnográfica na pesquisa.

Vale dizer que a pesquisa etnográfica não se constitui uma pesquisa de campo, exclusivamente. Para a realização da mesma é preciso uma base teórica, uma experiência empírica e bibliográfica acerca do tema investigado (MAINARDES, 2009). Deveras, identifiquei o método como uma definição quase que natural, mas nem por isso menos complexo, para prosperar nesta pesquisa. Sendo “etno” cultura e “grafia” escrita como entendimento etimológico, a etnografia é a escrita de uma cultura. Nesse tipo de estudo o processo é tão importante quanto o resultado final obtido. A pesquisa de campo faz parte de uma das bases da investigação antropológica, e, baseado em Fischer (2011), a interação entre pesquisador e grupo é essencial para o bom andamento e resultado da pesquisa – o que é um facilitador para mim na pesquisa, que já conheço grande parte dos sujeitos. Essa proximidade faz com que a pesquisa tenha o exercício de tornar o estranho familiar e o familiar estranho. Na etnografia, “[...] o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos

próprios atores sociais[...]” (MAGNANI, 2002, p. 18), sendo duas faces de pesquisa: uma sobre os sujeitos, os grupos, cenários e prática estudada, ou seja, a forma como os indivíduos (con)vivem aquela realidade; a outra é como o pesquisador percebe, sente e descreve a mesma realidade. O autor destaca que a etnografia inclui instrumentos como a observação de comportamentos, coleta de depoimentos diretos ou indiretos, histórias de vida, etc.

### 3.1 AMOSTRA

O meu primeiro interesse era investigar as invernadas xirus no estado do Rio Grande do sul. Mas devido a pandemia, a melhor logística, pensando no curto prazo de pesquisa, era fazer o estudo em locais mais próximos de nossa cidade (Santa Maria/RS). Foi decidido que o público alvo seria, então, os grupos xirus da 13ª Região tradicionalista. Região esta que tem sede cidade de Santa Maria e que consta com aproximadamente 90 entidades filiadas nos municípios de: Agudo, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Itaara, Ivorá, Nova Palma, Paraíso do Sul, Restinga Seca, Santa Maria, São João do Polesine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, São Sepé, Silveira Martins e Vila Nova do Sul.

Por consequência, os sujeitos do estudo são dançarinos destes grupos, de ambos os gêneros, com idade  $\geq 40$  anos que possuam interesse em responder o questionário e colaborar na pesquisa.

Inicialmente a expectativa era que os grupos xirus em atividade seriam identificados por uma carta-convite (apêndice A) enviada via e-mail ao diretor artístico da 13ªRT, para que após o retorno fosse possível o contato com as próprias entidades tradicionalistas. Não obtendo nenhum tipo de retorno da Região, a busca por interessados na pesquisa foi através dos meus contatos pessoais, visto que faço parte do Movimento Tradicionalista Gaúcho a muito tempo e tenho laços criados. Deste modo, pela amostra por conveniência (MALHOTRA, 2012), fragmento no qual a coleta dos dados é realizada pela organização de relação das informações e pesquisador (MAINARDES, 2009), foram contatados, através de seus Diretores Culturais, 3 (três)

entidades tradicionalistas<sup>18</sup> com invernadas xirus ativas: CTG Polca<sup>19</sup>, CTG Fandango<sup>20</sup> e CTG Surungo<sup>21</sup>. Não obtive nenhum retorno de anuência do CTG Polca, sendo assim apenas 2 (dois) CTGs aceitaram a participação na pesquisa.

### **3.1.1 CTG Surungo**

Fundado em 12 de março de 1984, o CTG Surungo faz parte da 13ª Região Tradicionalista e é locado em Santa Maria/RS na região leste da cidade.

É uma entidade de bastante renome na região e no estado, participando inclusive de festivais internacionais no Bélgica, Grécia, Espanha, entre outros. A estrutura do CTG é grande, conta com ar-condicionado e dispõe de todas as categorias em invernadas artísticas. Além disso ainda possuem uma sede campeira.

### **3.1.2 CTG Fandango**

Com títulos em festivais como o JuvEnart e FestXiru, por exemplo, além de consagrações com o jogo de truco e invernada campeira; o CTG Fandango, localiza-se na região nordeste de Santa Maria, no bairro Itararé.

Fundado em 09/09/1970, a entidade atualmente conta com alguns departamentos: artístico, cultural, campeiro e esportes. O CTG Fandango é idealizador de dois eventos relevantes na cidade: um de poesia e outro com direcionamento as invernadas mirins do estado do Rio Grande do Sul.

## **3.2 CRITÉRIOS**

Nenhum critério exclui alguma dimensão biológica ou artística, seguindo o paradigma gerontológico pluri/trans/multi/interdisciplinar.

---

<sup>18</sup> Que serão identificadas, também com nomes fictícios, todos referentes a danças e bailados, pensados a partir do Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense (SCHLEE, 2019).

<sup>19</sup> Dança tipicamente campeira, e, embora de origem europeia, acrioulou-se. Dança de pares enlaçados em compasso de 2x4 – “como trote de zorrilho” – com suas paradinhas e patadinhas para trás, ao ponteio das guitarras.

<sup>20</sup> Modalidade de festa campeira e baile popular, que predominou na área rural da campanha do Rio Grande do Sul até a metade do séc. XIX. Também significa bochincho, tumulto ou confusão barulhenta. Nos manuais de danças, fandango também representa um ciclo coreográfico.

<sup>21</sup> O mesmo que surungo ou surungo. Forma de referência a um baile ou arrasta-pé.

### 3.2.1 Primeira fase

Critérios de inclusão fase 1: grupos xirus da cidade de Santa Maria que aceitem participar da pesquisa; sujeitos de 40 anos ou mais dançarinos destes grupos que assinarem o TCLE

Critério de exclusão fase 1: deixar de entregar o questionário, negação de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

### 3.2.1 Segunda fase

Critério de inclusão fase 2: análise dos questionários de acordo com quem mais se aproximou dos objetivos do estudo; que participem do grupo a pelo menos 2 anos ou que vivenciem as Danças Tradicionais a pelo menos 5 anos.

Critérios de exclusão da fase 2: quem respondeu as questões abertas apenas com sim ou não.

## 3.3 COLETA DE DADOS

O questionário semiestruturado (apêndice B) adaptado do Laboratório de Gerontologia- LAGER da Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC (LAGER apud LIMA, 2016), Castro (2020). A partir dele colocamos os sujeitos a refletir o seu próprio processo. Os questionários foram entregues de forma presencial e com tempo de resposta de 1 a 2 semanas. A partir de seus resultados é que definiram-se os sujeitos participantes da segunda parte da pesquisa. As informações dos questionários aparecerão no texto com escrita sublinhada<sup>22</sup>.

A segunda fase é a entrevista (apêndice C), que para Negrine (1999) permite maior vínculo e aproximação com o entrevistado. Conforme se identifica, o roteiro abrange as perguntas principais e alguns sub tópicos que, se não respondidas, foram abordadas por mim. Como foram escolhidos alguns sujeitos, logo é uma amostra intencional escolhida por conveniência para melhor representatividade na busca de dados a serem analisados (MAROTTI et al.,2008). Segundo Gil (2010), a entrevista semiestruturada tem foco em um tema específico, neste contexto o envelhecimento, onde o sujeito entrevistador conduz as perguntas de forma livre para que o

---

<sup>22</sup> Os fragmentos curtos serão escritos normais no segmento do texto, com aspas e sublinhado. Os maiores serão destacados no texto, com aspas e sublinhado, recuados a esquerda.

entrevistado fale sobre o assunto, mas sempre voltando ao objetivo da pesquisa. Optei por ela por considerá-la um instrumento assertivo para conceber os objetivos propostos. A entrevista foi gravada (com o consentimento prévio dos sujeitos), pois “[...] a gravação é um modo de assegurar a exatidão do que é dito e, no caso de histórias orais/de vida, é essencial ter a fala verdadeira pronta para ser ouvida novamente” (ANGROSINO, 2009, p. 69). Cito que foi transcrito na íntegra, tal e qual os áudios originais e suas aparições na pesquisa se darão por escritas em **negrito**<sup>23</sup>.

Nesta pesquisa fui uma participante observadora, que é quando a pesquisadora observa mas não participa das atividades do grupo (MAINARDES, 2009). Assim, foi utilizado também as observações com registro em diário de campo, que ocorreram concomitantemente junto do período dos questionários e entrevistas, principalmente em ensaios. Infelizmente não pude acompanhar nenhuma viagem para festivais com o grupo Surungo, apenas apreciar, no FestXiru, a internada Fandango. Os apontamentos do diário de campo aparecerão ao decorrer do texto com *itálico*<sup>24</sup>. Este instrumento da pesquisa etnográfica traz o lado emotivo, tem função empírica dos dados e aborda as reflexões e análises (WINKIN, 1998). Com o diário de campo posso compreender as vivências dos sujeitos-dançarinos com a dança tradicional gaúcha e o grupo de dança, pelo menos neste espaço restrito; também perceber se em suas falas, mesmo que inconsciente, existem indicativos de dificuldades com o envelhecer. Sendo assim uma ferramenta importante para o trabalho de campo, pois é uma peça que, conforme ponderações, ajuda a montar o grande quebra-cabeça que é o texto final.

### 3.4 ANÁLISE DE DADOS

A interpretação dos dados dá-se a partir de Bardin (2016) com a análise de conteúdo, método que é separado por três etapas: 1. A pré-análise, que é a organização dos dados, 2. A análise propriamente dita onde, após a interpretação, é elaborado as categorias, e 3. O tratamento dos resultados, momento em que os dados brutos vão sendo validados e significados. Na etapa 2, de análise, a preparação do material coletado será separada em três aspectos: referencial teórico; diário de

---

<sup>23</sup> Os fragmentos curtos serão escritos normais no segmento do texto, com aspas e negrito. Os maiores serão destacados no texto, com aspas e negrito, recuados a esquerda.

<sup>24</sup> Os fragmentos curtos serão escritos normais no segmento do texto, com aspas e itálico. Os maiores serão destacados no texto, com aspas e itálico, recuados a esquerda.

campo; dados da entrevista e questionário. A articulação desses entendimentos, para proceder à análise, surgem as categorias, que possibilitarão uma compreensão mais profunda do conteúdo.

#### **4. ASPÉCTOS ÉTICOS**

A pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria, obtendo aprovação para execução (número 68552823.8.0000.534). Os sujeitos-dançarinos inseridos nos grupos xirus, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (anexo A), redigido conforme resolução 466/2012, para pesquisas que envolvem seres humanos. Dei as sujeitos espaço para esclarecer dúvidas e para desistência caso achasse inevitável. O termo foi assinado e entregue em duas vias, em posse do sujeito participante e a mim. Assim como, eu e meu orientador assinamos o Termo de Confidencialidade (anexo B), o qual dá a segurança dos dados, sendo os nomes substituídos por codinomes (caracterizado por nome de danças tradicionais gaúchas) para preservar as identidades. Cabe ressaltar que após análise dos dados, os mesmos ficarão armazenados em um computador de uso pessoal, sob minha responsabilidade e de meu orientador, e após cinco anos de arquivamento serão deletados. As informações coletadas serão utilizadas única e exclusivamente para a execução desta pesquisa, e das entrevistas foram dispostos apenas fragmentos para que não ocorra risco de identificação. Destaco que as fotos utilizadas neste estudo também foi negociado e aceito entre os sujeitos envolvidos.

#### **5. RISCOS E BENEFÍCIOS**

Os benefícios da pesquisa serão de proporcionar aos indivíduos participantes uma maior compreensão e reflexão do tema abordado. Também almeja-se que os resultados sejam estimulantes para outras pesquisas na área. Os sujeitos terão um retorno em forma de palestra, para que veja o resultado de sua colaboração. Quanto aos riscos, serão de ordem mínima, visto que os indivíduos estariam expostos em uma conversa informal, como o sentimento de vergonha, por exemplo. A realização da pesquisa não causará nenhum risco quando se trata da dimensão física dos sujeitos. Entretanto poderá causar o risco mínimo de ordem psicológica, por estar exposto quando responder questões de ordem pessoal, causando constrangimento ou

vergonha. Para diminuir o desconforto, a qualquer momento o sujeito poderá parar a entrevista, que será feita em um local privado.

## 6. PRIMEIRO CONTATO COM OS DADOS

Atentos e curiosos: assim eram os sujeitos, em ambos os grupos, ouvindo a minha proposta de estudo. Apesar do meu maior contato com a Invernada Fandango, e por isso maior afetividade; a Invernada Surungo se mostrou muito cordial e hospitaleira. Ambas me contaram histórias repletas de orgulho, entre elas sobre títulos e viagens internacionais. Após o primeiro contato e reunião com os integrantes dos grupos, apliquei, com os sujeitos-dançarinos, um questionário composto por 13 (treze) questões abertas bem como questões sócio-demográficas e condições de saúde. Previamente, a intenção da aplicabilidade dos questionários seriam só para os sujeitos-dançarinos. Todavia, ao entender o estudo, os instrutores de ambos os grupos se colocaram à disposição para somar no estudo, acrescentando informações e qualificando ainda mais a contextualização. Para eles foi produzido outro questionário (apêndice D), este com características sócio-demográficas e 10 (dez) questões abertas mais específicas, por exemplo “você tem algum curso preparatório para dar aula nas invernadas?”.

Os questionários dos sujeitos-dançarinos foram devolvidos em uma semana. Acredito que este rápido retorno seria uma característica das pessoas mais velhas, em relação aos mais jovens: responsabilidade. Ao todo são 17 (dezesete) questionários da Invernada Fandango, sendo que apenas 1 (um) homem não fez a devolução; e 11 (onze) questionários da invernada Surungo, não tendo retorno de 3 (três) dançarinos. A instrutora Sm+ da invernada Surungo, entregou na mesma data que os dançarinos mas disse: “*respondi vagamente, tinha muito mais a relatar*” (*diário de campo 3<sup>25</sup> - Surungo*). E ainda mencionou que pela correria do dia-a-dia acabou esquecendo e respondendo rapidamente na data de entrega. Já o instrutor da Fandango, o Fh+, demorou duas semanas e meia para entregar o questionário, e, segundo ele, a delonga aconteceu devido ao envolvimento junto ao grupo para FestXiru.

Os encontros com os grupos aconteceram semanalmente no tempo de 3 (três) meses. Com a invernada Surungo totalizei 5 (cinco) encontros com e com a invernada

---

<sup>25</sup> Os diários de campo foram numerados conforme os dias de encontros.

Fandango foram 6 (seis), todos com a duração aproximada de uma hora e meia. E garantindo o anonimato dos dados e dos sujeitos, faço uso de nomes fictícios -de danças tradicionais gaúchas-, que os identificarão durante o desenvolvimento e posterior análise. Os sujeitos da invernada Surungo serão identificados como S1 até o S11, e sua instrutora como S+; já os sujeitos da invernada Fandango tem como identificação do F1 ao F17, e seu instrutor como F+. Além que essas caracterizações ganharão a soma da letra “m” ou “h” para, respectivamente, mulher e homem, ficando como nos exemplos: Sm1, Sh7, Fh5, Fm12.

## 6.1 INVERNADA XIRU SURUNGO

A partir do material coletado dos questionários, o quadro a seguir apresenta os sujeitos-dançarinos do grupo de danças xiru do CTG Surungo.

Quadro 2 – Perfil dos sujeitos da invernada Surungo

<b>Identificação</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Renda<sup>26</sup></b>	<b>Tempo na invernada</b>
Sh1	H	65	Casado	E.S.C	+4	7 anos
Sm2	M	63	Casada	P.G.C	2-3	6 anos
Sh3	H	71	Casado	E.M.C	3-4	19 anos
Sm4	M	66	Casada	E.M.C	+4	19 anos
Sh5	H	68	Casado	E.S.I	X <sup>27</sup>	6 anos
Sh6	H	43	Casado	E.S.C	1-2	3 anos
Sm7	M	65	Casada	E.S.C	3-4	8 anos
Sh8	H	67	Casado	E.S.C	+4	12 anos
Sm9	M	60	Casada	E.S.C	+4	12 anos
Sm10	M	41	Casada	P.G.C	2-3	4 anos
Sm11	M	71	Casada	P.G.C	+4	+10 anos

Legenda: \*Ensino Médio Completo (E.M.C) \*Ensino Superior Incompleto (E.S.I) \*Ensino Superior Completo (E.S.C) \*Pós-Graduação Completa (P.G.C)

Fonte: da autora (2023).

Com 11 (onze) integrantes, a invernada Surungo tem uma instrutora mulher, designada como Sm+, de 38 anos. Educadora física, faz parte do Movimento Tradicionalista Gaúcho desde 2008 e relata não ter nenhum curso preparatório para dar ensaio para invernadas, mas sabe que “cada grupo é um grupo (...) e é necessário

<sup>26</sup> Os valores colocados nessa coluna correspondem a renda média mensal por salário mínimo.

<sup>27</sup> Não respondeu a questão

entender e respeitar a diversidade, em especial ao grupo xiru que necessita ser firme, mas sem ser bruto...saber brincar, mas sem perder o foco do ensaio”. Ela instrui a xiruzada desde 2019.

O grupo realiza os ensaios na sua própria entidade, 2 (duas) vezes por semana com duração aproximada de uma hora e trinta minutos cada. Nas minhas observações os encontros eram nas terças e quartas-feiras, respectivamente, das 19:30 às 21h e das 20:30 às 22h. As condições do espaço físico principal são ótimas, o ambiente é bem amplo, o salão é próprio para a prática, é limpo e bem iluminado. Como diferencial, contém espelho, ar-condicionado e tomadas embutidas no degrau do salão. Por ter todas as categorias no CTG, eventualmente os encontros acontecem no salão menor, ainda na sede social da entidade.

Dos 14 (catorze) questionários distribuídos 11 (onze) foram entregues: 6 (seis) mulheres e 5 (cinco) homens. As idades dos homens variam entre 43 (quarenta e três) a 71 (setenta e um) anos, enquanto as mulheres de 41 (quarenta e um) a 71 (setenta e um) anos de idade. Entretanto, a maioria dos sujeitos tem idade na faixa dos 60 (sessenta) a 69 (sessenta e nove) anos, todos são casados, com filhos e se autodeclararam brancos. Os 11 (onze) sujeitos moram com os cônjuges, e 6 (seis) deles revelam também morar junto dos filhos.

Nessa invernada, 45,5% (cinco pessoas) tem ensino superior completo, e 27,3% (três pessoas) tem pós graduação. Assim, no quesito renda mensal, 50% ganham 4 (quatro) salários mínimos ou mais. Já sobre a saúde, 11 (onze) sujeitos relatam ter doenças e/ou dores, e em sua maioria apareceram hipertensão (75%) e dores no joelho (37,5%). Ninguém do grupo fuma, mas 6 deles, em algum período da vida, já fumaram. Apenas 1 (uma) pessoa não pratica nenhuma atividade física.

Em relação ao tempo de dança em CTGs, 45,5% (cinco pessoas) dançam de 5 (cinco) à 10 (dez) anos, havendo 9,1% (uma pessoa) entre 1 (um) à 5 (cinco) anos. A maioria dos sujeitos começaram a dançar mais tarde, em torno de 10 (dez) anos pra cá, diretamente na invernada xiru, sem ter passado por categorias de base

## 6.2 INVERNADA XIRU FANDANGO

Organizando as identificações aos dados concedidos pelos sujeitos da invernada Fandango, retratamos no quadro a seguir informações como gênero, idade, estado civil, escolaridade, renda e tempo na invernada xiru.

Quadro3: Perfil dos sujeitos da invernada Fandango

Identificação	Gênero	Idade	Estado civil	Escolaridade	Renda	Tempo na invernada
Fh1	H	65	Casado	E.F.I	+4	23 anos
Fh2	H	54	Casado	E.M.I	2-3	12 anos
Fm3	M	53	Casada	E.M.I	X	23 anos
Fh4	H	61	Casado	E.M.C	+4	23 anos
Fh5	H	55	Casado	P.G.C	+4	1 ano
Fm6	M	58	Casada	E.M.C	1-2	7 anos
Fm7	M	44	Separada /Divorciada	E.M.C	1-2	3 anos
Fh8	H	59	Casado	E.M.C	+4	13 anos
Fm9	M	59	Casada	E.M.C	X	13 anos
Fm10	M	52	Separada/ Divorciada	P.G.C	1-2	9 anos
Fh11	H	74	Casado	E.S.C	+4	24 anos
Fh12	H	50	Separado/ Divorciado	E.M.C	2-3	9 anos
Fm13	M	51	Casada	E.F.C	+4	13 anos
Fm14	M	54	Casada	P.G.C	3-4	12 anos
Fm15	M	50	Casada	E.S.I	-1	1 ano
Fh16	H	54	Casado	E.S.I	+4	12 anos
Fm17	M	X	Casada	E.S.I	+4	22 anos

Legenda: \*Ensino Fundamental Incompleto (E.F.I) \*Ensino Médio Completo (E.M.C) \*Ensino Superior Incompleto (E.S.I) \*Ensino Superior Completo (E.S.C) \*Pós-Graduação Completa (P.G.C)

Fonte: da autora (2023)

São 9 (nove) pares, 18 (dezoito) pessoas, e apenas 1 (um) questionário não foi devolvido. Transformando em números para a análise, são 8 (oito) homens e 9 (nove) mulheres. Os homens têm idade de 50 (cinquenta) a 74 (setenta e quatro) anos e as mulheres de 44 (quarenta e quatro) a 59 (cinquenta e nove). Uma das mulheres não informou a idade. Esta quando questionada riu desconfortável e logo mudou de assunto. Será que por medo de falar e, involuntariamente, ser definida/rotulada?

Neste grupo,

*“entre os pares há um revezamento na dança da Queromana, por estética, visto ser uma dança de fila e haver diferenças de altura entre os casais. Esta dinâmica parece ser bem aceita pelo*

*grupo. A Invernada Fandango mudou de instrutor em 2022” (Diário de Campo 1 - Fandango).*

Este é homem, Fh+ de 52 anos, funcionário público e atuante na área há 30 anos. Com curso preparatório de instrutores oferecido pelo MTG, pensa nas dinâmicas de ensaio para cada categoria “conforme os objetivos e as necessidade dos grupos”.

Os ensaios acontecem no próprio CTG, 2 (duas) vezes por semana e de durabilidade de em torno de uma hora e meia. O tamanho do salão é apropriado e as condições de acesso até ele são boas, e, apesar da escadaria, há uma entrada com acessível com rampa. Os troféus conquistados ao decorrer dos anos pelo grupo estão expostos na entidade.

O piso do salão não está em bom estado, influenciando inclusive no modo de dançar dos dançarinos. A iluminação é insuficiente, e tendo em vista que os ensaios são no turno da noite, não facilita o contato visual.

Importante citarmos que durante as observações, em 2 (dois) dias os encontros ocorreram em uma entidade tradicionalista coirmã.

*“Perto do festival estadual os ensaios ocorrem esporadicamente em outros locais, visto que os integrantes preferem não cair na rotina com posicionamentos já ‘decorados’ no seu CTG e gostam de se manter mais atentos nos locais diferentes para que não se percam no dispositivo na hora da apresentação” (Diário de campo 5 - Fandango).*

Neste grupo todos se autodeclararam brancos, 14 (catorze) são casados e 3 (três) sujeitos são divorciados/separados, mas todos tem filhos. Os sujeitos deste grupo moram com cônjuges, filhos, netos, e um mora também com a mãe. Entendemos, assim, que “a co-residência, ou a ampliação das famílias, pode ser uma estratégia familiar utilizada para beneficiar tanto as gerações mais novas como as mais velhas” (CAMARANO, 2009)

Em relação a renda ela é bem variada: 47,1% (oito sujeitos) ganham 4 (quatro) salários mínimos ou mais; seguem o mesmo percentual, 17,6% (três pessoas), os indivíduos que ganham de 1 (um) à 2 (dois) e de 0 (zero) à 1 (um). Ainda conta com

2 (duas) pessoas com o montante de 2 (dois) à 3 (três) salários mínimos e 1 (uma) única de 3 (três) à 4 (quatro).

Dissemelhanças assim como a escolaridade, onde a maioria 35,3% (6 pessoas) tem o ensino médio completo, seguido de 17,6% (3 pessoas) com o ensino superior incompleto e a mesma percentagem para a pós graduação completa. O grupo presente ainda com 1 (uma) pessoa com ensino fundamental incompleto.

52,9% (nove pessoas) dizem que sentem dores ou têm problemas de saúde. As dores lombares e nos joelhos foram as que mais se sobressaíram entre os sujeitos, e como doença o destaque foi a diabetes. Apenas 1 (um) integrante fuma e outro diz já ter fumado. Aqui a maioria, 10 (dez) pessoas, dizem não fazer atividade física além da dança, entretanto o tempo de experiência em dança são altos: 5 (cinco) pessoas entre 10 (dez) e 15 (quinze) anos, 4 (quatro) pessoas entre 20 (vinte) e 25 (vinte e cinco) anos, e outras 4 (quatro) pessoas entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos. Apenas 1 (uma) pessoa de 1 (um) a 5 (cinco) anos, e 1 (uma) pessoa entre 30 (trinta) e 35 (trinta e cinco) anos. Apesar da maioria não terem passado pelas invernadas de base, dançam a muito tempo e conseguem ter uma boa visão sobre os tablados, manual, danças e andanças.

### 6.3 A ESCOLHA DOS ENTREVISTADOS

Nesta fase do estudo a amostra foi por conveniência, que é o tipo de modelo que os sujeitos são escolhidos por estarem acessíveis (MALHOTRA, 2012). A seleção ficou ao meu cargo juntamente com o orientador responsável, respeitando os critérios de inclusão e exclusão da segunda fase de pesquisa, e levando em consideração que os escolhidos fossem, no mínimo, 1 (um) de cada invernada.

Minha proposta inicial era entrevistar pelo menos 10 (dez) sujeitos, 5 (cinco) de cada grupo, para o enriquecimento da pesquisa. Entretanto, o tempo curto -entre o estudo passar pelo CEP e a realização da coleta de dados- não me permitiu. As entrevistas aconteceram conforme disponibilidade dos sujeitos-dançarinos no mês de junho, ou seja, antes e/ou após os ensaios. Assim, segue a identificação de codinomes

dos 4 (quatro) entrevistados: Rilo<sup>28</sup> (65 anos) e Chimarrita<sup>29</sup> (65 anos) do CTG Surungo; Caranguejo<sup>30</sup> (59 anos) e Havaneira Marcada<sup>31</sup> (54 anos) do CTG Fandango

## 7 CONTRAPONDO AS ANÁLISES

Conectando as verificações do *diário de campo*, das **entrevistas** e dos questionários, consegui analisar as diferenças e semelhanças entre as invernadas.

### 7.1 ESPECIFICIDADES ECONÔMICAS-SOCIAIS

Estruturalmente é notável que o CTG Surungo tem sua estrutura mais pomposa, enquanto o CTG Fandango é mais singelo, tendo inclusive sua fachada pichada. Mas os integrantes dos grupos também se diferenciam por essas especificidades econômicas-sociais, como a o nível de escolaridade e de renda. Enquanto no CTG Surungo temos 5 (cinco) sujeitos com ensino superior completo e 3 (três) com pós graduação; no CTG Fandango esse número cai para 1 (um) com ensino superior e se mantem com o mesmo percentual com pós-graduação completa. Entretanto somente neste último grupo contamos com 1 (uma) pessoa com ensino fundamental incompleto e outra com completo. O que influencia na renda mensal, pois no grupo com nível mais alto de escolaridade – Surungo - 50% deles tem renda de mais de 4 (quatro) salários mínimos, e apenas 1 (um) sujeito relata ganhar entre 1 (um) e 2 (dois) salários mínimos. Enquanto na outra invernada – Fandango- 1 (uma) pessoa marcou a opção entre 0 (zero) e 1 (um) salário, e outras 3 (três) marcaram que ganham entre 1 (um) e 2 (dois) salários mínimos como renda, enquanto 47,1%, recebem o equivalente de R\$4.848,00 ou mais. Destacamos que na invernada Fandango os 8 (oito) sujeitos que relatam ganhar mais são homens e as que ganham entre 0 (zero) e 2 (dois) salários são mulheres. O trabalho é um verdadeiro problema de gênero (TIBURI, 2019).

**“Eu nunca deixo de fazer todo o trabalho da casa. Lá em casa eu não tenho ninguém para fazer o trabalho. Cuido da**

<sup>28</sup> Dança de roda, com características do ciclo das contradanças. São executados passos de marcha e taconeios.

<sup>29</sup> Dança de origem açoriana, dançada em fila. Apresenta características românticas conforme a evolução das figuras.

<sup>30</sup> Dança de roda popular em todo o país. A melodia perdurou no Rio Grande do Sul em cantigas de roda e brincadeiras infantis.

<sup>31</sup> Dança de pares independentes e enlaçados. Só executada com instrumental, sem vocal.

**minha mãe, cuidado do cachorro, dos filhos, do marido, dos netos... cuidado da vida (risos).” (Chimarrita).**

Empregando uma função importante na construção de identidades, hierarquizações e significados, a mística do conceito de cuidado associado aos atributos femininos precisa ser revisto. Esse papel nada tem de caráter natural das mulheres para com o cuidar dos outros, mas porque foram dispostas tradicionalmente nas relações sociais destarte. E esse mesmo pensamento histórico influencia muitas vezes na combinação de certos ofícios profissionais; como por exemplo, a enfermagem e a pedagogia. Esta última é a atividade que exerce e entrevistada Havaneira Marcada já há 23 anos. Enfim, a partir de Araújo; Sacalon (2005), o cuidado é relacionado a humanidade em geral, não apenas a um único gênero, ao ponto que, para as mulheres são destinados, com exclusividade, apenas a amamentação e a gestação. Temos três ‘Cs’ associados a maternidade: cuidado, carinho e casa, e eles não são atribuídos a paternidade. Ao mesmo passo três ‘Ps’ disposto para a paternidade: provedor, protagonista e patrão, e estes não são relacionados à figura da mãe. “O que leva a concluir que a associação entre cuidado e mulher é uma questão de gênero” (ibidem, p. 48).

O que eu vejo de importante sobre o cuidado ser correlacionado ao feminino? Ah! As mulheres vem, com o tempo, revolucionando esses conceitos, deixando de existir, cuidar e olhar apenas dos outros para existir, cuidar e olhar para si mesmas (GOLBENBERG, 2022). E ainda a que dona Chimarrita goste dessa posição de cuidado que lhe é agraciada, o cuidar do(s) que ama; isso é uma vontade própria, é uma escolha, não uma imposição.

Retomando, pensemos que as condições de vida dos indivíduos são decorrentes dos aspectos socioeconômicos (SANTOS, 2009) e que essas características propiciam condições melhores de educação e saúde, por exemplo. A reflexão vem à tona pois 10 (dez) das 18 (dezoito) pessoas invernada Fandango não fazem nenhuma atividade física além do CTG. **“Mas assim ó, com o passar do tempo e do envelhecimento eu acho necessário que se faça outras atividades físicas aliadas as danças tradicionais.”** (Havaneira Marcada). Em contrapartida na Surungo apenas 1 (uma) não faz. Seria a melhor condição financeira que facilitaria a atividade física, então? Ou cogitemos que esse número seja diferente pela condição

de tempo (sobra ou falta dele)? Visto que uma grande percentagem dos dançarinos da Surungo são aposentados e o mesmo número são para dançarinos da Fandango que ainda trabalham. Nessa análise penso que as atividades físicas, feitas ou não, sejam pelo oportunidade temporal, pois só por estar em uma internada artística já demanda que os indivíduos consigam no mínimo manter uma vida de classe média, visto os gastos relativamente altos com roupas e rodeios, por exemplo.

**“Eu acho que o salário, os rendimentos, a situação financeira das pessoas independe pra ajudar numa melhor velhice, numa boa velhice. Tem diversas formas, acredito que tem diversas formas da pessoa ter uma velhice saudável. E acredito que o fato de a pessoa ganhar um salário bom isso não vai influenciar em nada...[...] Eu acho que a pessoa tem diversas formas de fazer com que a sua velhice fique melhor. E não vai ser o dinheiro, o salário bom que a pessoa ganha que vai definir isso. Eu acho que isso realmente não influi, o que influi bastante é a cabeça da pessoa né.” (Rilo)**

Todavia, as particularidades ligadas ao trabalho consistem e estabelecem intercessões na subsistência -referente ao valor econômico mesmo, de remunerações, e de competência cultural. Assim, interferindo nas relações sociais, formações de identidades, construções de subjetividades e ideias de mundo, assim como modos de vida, entendimento sobre saúde, autocuidado, etc. (ZANELLI; SILVA, 2012; NATIVIDADE; COUTINHO, 2012). Ainda sobre o caráter financeiro, a aposentada Chimarrita diz:

**“Quando a gente está na ativa a gente tem um uma série de benefícios né como auxílio rancho, plano de saúde que a empresa auxilia. Então, sinceramente, depois que a gente se aposenta tudo piora, inclusive o salário da gente, porque ele não tem o mesmo aumento que as outras coisas né. [...] E tem uma coisa importante nisso: as despesas com saúde vão aumentando né. Porque aí a gente tem que fazer mais um pouco de academia ou pilates ne, que no caso a gente**

**não está fazendo ainda, mas temos que fazer porque é urgente que se faça isso; e os remédios né. Então assim, o salário realmente não acompanha [...].”**

O significativo acréscimo dos gastos, presumivelmente, deve estar subordinado ao envelhecimento. É comum que nessa fase aumenta-se a carência de atenção com a saúde, ou seja, mais idas ao médico, medicamentos de uso contínuo, exames, etc. Mas **“é assim ó, a gente tem que se adaptar. A gente não pode gastar e extrapolar né[...]Mas eu acho que é só se policiar nos gastos que a gente vive tranquilo.”** (Caranguejo).

**“E a gente sabe que a gente não pode entrar em nenhuma canoa furada né, que a gente tem que se manter dentro do que a gente ganha. E é isso que a gente faz, vivemos com austeridade, com simplicidade, para que não falte amanhã alguma coisa se precisar né.”** (Chimarrita).

Ainda temos que pensar que esse estudou dá-se num período pós pandêmico devido ao COVID-19. Então **“com essa crise dos últimos anos né, os filhos também entraram com algum problema financeiro, a gente também tem que ajudar, então complica bastante. [...]”** (Chimarrita). Já para Caranguejo os sujeitos mudam mas a situação sucede: **“Até uns anos atrás eu ajudava os filhos, era educação, era roupa. Claro, hoje eu tenho netos, ajudo os netos...substitui né.”**

É claro que as preocupações para com as necessidades dos seus filhos e netos demanda que, casualmente, os sujeitos mais velhos tornem-se portos de suporte emocional e também financeiro.

**“E é isso né, nós nos preocupamos mais com o futuro dos filhos e da neta né, na verdade isso é a preocupação maior pra nós. [...] Então isso também está complicado porque os padrões de salario hoje dessa gurizada ai está bem abaixo ai do que era na minha época. Pra quem tinha curso superior como os meus filhos tem e algumas especializações ganhavam muito mais. E hoje a situação está bastante difícil.”** (Chimarrita)

Das aflições destacam-se o futuro em relação a parte financeira da família: estudos completos, emprego, casa própria, etc. Acarreta que, a morosa progressão dos salários e o acréscimo alto nos valores de moradia, por exemplo, torna o enfrentamento da realidade temerosa.

### 7.1.1. Sociabilidade

As atividades de lazer são indispensáveis, pois asseguram, conservam e dão segmento aos processos de desenvolvimentos sociais dos indivíduos, ou seja, uma maneira de seguir suas (auto)realizações pessoais e coletivas (IWANOWICZ, 2000). As invernadas de danças tradicionais como forma de lazer, também cumprem a função da sociabilidade, pois reúne sujeitos onde o eixo principal gira nos prazeres dos sujeitos individuais com as satisfações dos demais enquanto grupo. Assim, os grupos xirus, por exemplo, são artifícios interessantes para a sociabilidade, “oportuniza o encontro e a amizade com pessoas da minha faixa etária” (Fm14), “é o círculo de amizade que temos” (Fh4),

**“[...]com pessoas que tem histórias que já vivenciaram também semelhantes, já passaram pelas mesmas fases da vida que eu passei. [...]Porque a gente troca experiência, a gente se apoia, a gente se ajuda, a gente estabelece uma amizade bonita.”** (Havaneira Marcada).

Possibilitando, assim, o compartilhamento de experiências que (re)constroem significados e trajetórias com base nos valores e ideologias expostas.

A sociabilidade enquanto experiência social oportuniza as relações de amizade, também na qualidade de exercício político (BAEHLER, 1996). Na coleta de dados percebi que os motivos de ingressar e permanecer nas invernadas xirus se repetem, e a sociabilidade e amizade são as mais citadas. Além disso são referenciadas: saúde, atividade física, aproximação na relação de casal, “a dança é meu futebol, e eu posso praticá-la com a minha esposa” (Fh16), “proporcionar que meus filhos cresçam nesse ambiente” (Sm10), prazer, gosto pela cultura gaúcha, viagens, desafios, ocupação após aposentadoria, “sonho de infância realizado depois dos 40” (Fm13), terapia, “acabam se tornando uma família” (Fm6), etc. Soma-se a importância da sociabilidade em relação ao medo da solidão ao envelhecer, pois,

segundo Caranguejo, **“tendo os amigos não tem solidão. Isso ai é uma coisa certa”**.

A participação dos sujeitos nos grupos de danças tradicionais propicia transformações nos padrões sobre o envelhecimento e a velhice como restrições e inutilidade. Pois nas invernadas xirus presenciamos indivíduos ativos, livres, autônomos e agradados com suas faixas etárias.

As relações sociais são imprescindíveis, e no período da velhice segue sendo. É no convívio com outros sujeitos que se encontra o sentimento de pertencimento, segurança e afeto, (com)firmando suas capacidades, valores, competências e opiniões (ERBOLATO, 2022). A sociabilidade é vista como uma competência para a área da saúde do sujeito envelhec(ido)(endo), conectado as manutenções da qualidade de vida e prevenção de doenças.

## 7.2 AMBIENTE INTERGERACIONAL

Nas duas invernadas as prendas ensaiam com as saias com as cores de suas entidades tradicionalistas, e todos usam camiseta do CTG como uniforme. O relato confirma a anotação do diário de campo na invernada Surungo, onde Sm10 questiona *“vai anotar aí que eu sou a única sem uniforme hoje?”* (Diário de campo 4 - Surungo).

Também é comum a esses grupos que os filhos/netos assistam os ensaios. Podemos ver na imagem da invernada Surungo que a filha do casal está no salão junto com os dançarinos, em meio a dança do Chote Inglês.

Figura 11: Filhos no ensaio invernada Surungo



Fonte: a autora (2023)

Entretanto por vezes acaba prejudicando o andamento do ensaio e o aproveitamento dos dançarinos.

Na invernada fandango os filhos já são crianças maiores, adolescentes e adultos, então conseguem se manter longe do salão. Nesta quem manifesta-se são os netos. Na imagem a seguir podemos ver uma dançarina embalando seu neto de colo no ensaio:

Figura 12: Netos no ensaio invernada Surungo



Fonte: a autora (2023)

Às vezes outro casal não comparece ao ensaio pois precisa ficar com o neto para a filha estudar.

Outrora, um restrito rumo era reservado para as mulheres ao envelhecer: tinham de se tornar avós (LIMA; BUENO, 2009). No cenário de hoje, com os indivíduos vivendo mais, acabam tendo, geralmente, mais tempo para as relações familiares, incluindo sendo suporte para seus filhos e netos. O mais interessante é pensar que, na contemporaneidade a imagem sobre avós vem sido mudada. Elas até podem estar em casa fazendo seu crochê, cozinhando e cuidando dos netos, mas é totalmente por sua opção, pois não são mais mulheres frágeis e solitárias. Atualmente muitas seguem estudando, trabalhando, saem de teatros a barzinhos, e dançam! Havaneira já iniciou a vida dos palcos dançando no xiru, e foi através do **“convite e incentivo das filhas”**. Fm10 também ingressou no grupo porque os filhos entraram na invernada mirim do CTG Fandango, e começou a gostar “das danças e da convivência dos familiares e integrantes do grupo [...] e nunca mais parei”.

O CTG é um ambiente intergeracional e oferta possibilidades de trocas emocionais e enriquecimento. Essas oportunidades são graças ao aumento da

expectativa de vida que possibilitou que distintas gerações pudessem conviver por mais tempo e se tornarem redes de apoio (RAMOS, 2017). Uma entidade tradicionalista que possui todas as internadas artísticas, como é o caso do CTG Surungo, por exemplo, em ocasiões onde todas possam coabitar acaba incentivando, mesmo que inconscientemente, a construção de laços e interações de grande importância.

*“Como há ensaio de outras internadas no mesmo dia, presenciei que o ensaio chega a começar um pouquinho depois da hora porque os sujeitos se cumprimentam de força calorosa, tendo essa integração de mirim até xiru”. (Diário de campo 2 - Surungo).*

Há casos onde na mesma entidade dançam os netos, os filhos e os avós, permitindo a convivência de forma positiva os relacionamentos intergeracionais ainda que fora do ambiente residencial. No caso da xiru do Surungo, a instrutora é filha de um casal de dançarinos, o que já exemplifica os argumentos acima citados.

### 7.3 APRESENTAÇÃO OU CONCURSOS?

Os ensaios têm propostas diferentes: enquanto o grupo Fandango treina de forma pesada para competições, o Surungo dança para apresentações pois *“falam que passaram da idade de concursos, preferem ensaios mais leves e não gostam muito de seguir as regras do manual”* (Diário de campo 1 - Surungo). Mesmo foco não sendo esse, no início do mês de dezembro de 2022, Surungo participou de um rodeio no município de São Martinho da Serra, localizado a aproximadamente 25km de Santa Maria. Quando a Sm+ é questionada sobre como percebia as avaliações em competições para com grupos xirus ela destacou: “não tenho experiência nisto, apenas fomos em um rodeio no qual eram um único grupo xiru”, confirmando assim o campeonato do grupo.

**“Sabe, o envelhecimento é uma coisa assim: a gente tem que cuidar da saúde da gente, saúde física e saúde mental. E uma das coisas que nos faz continuar dançando, por exemplo, se apresentando para as pessoas, é essa alegria e essa transmissão. Que as pessoas observam assim né,**

**‘poh’ eu admiro muito aquela pessoa ali ó, tem 65 anos e continua dançando como se fosse um guri jovem, como se fosse mais novo. E é esse prazer que a gente sente e essa alegria que a gente dá para as pessoas é que faz a gente continuar sempre com essa motivação.”** (Rilo)

Do mesmo grupo, o xiru do Surungo, Chimarrita e Rilo não gostam de ir a concursos/rodeios. Essa foi uma fala muito repetida pelos integrantes em nosso primeiro encontro. Talvez por não ter essa finalidade, os ensaios são mais frutivos, e percebi que *“o grupo Surungo tem problemas com ritmo e espacialização. A insegurança de palco faz com que seja preparado até o pré dispositivo da dança”* (diário de campo 2 - Surungo). Chimarrita começou a dançar depois que se aposentou, faz parte da invernada a 6 anos; já ele, Rilo, dança há 7 anos, sempre na mesma entidade e invernada.

**“O que eu não gosto no que a gente faz: ir para concursos. Eu acho que eu não preciso me submeter mais a avaliações. Mas faz parte em pertencer a um grupo ir lá e concorrer, então eu procuro fazer o melhor no concurso. Mas não gosto. Não é uma coisa que eu gosto. Eu prefiro ir para uma apresentação”** (Chimarrita).

**“Aliás, eu acho que para os xirus não deveria haver concurso, deveria ser assim ó, simplesmente dançar para participar para viver a vida e se alegrar e fazer uma confraternização com os demais”** (Rilo).

E já que um dos intuitos das entidades tradicionalistas é expor, preservar e eternizar as expressões culturais gaúchas para a sociedade, nacional e internacional, O CTG Surungo embarca seus integrantes pra algumas viagens fora do estado e do país. Espalhando a cultura gaúcha pelo mundo com apresentações folclóricas, tem assim uma outra maneira de cultivar as tradições. *“Mas só alguns vão viajar, pois eles mesmos têm de se bancar”* (diário de campo 1 - Surungo): **“assim, eu já fui a três vezes pro exterior nesses festivais de dança. é muito gratificante. É muito muito bom ver o público torcendo pela gente, aplaudindo o Brasil.”** diz Chimarrita.

Depois de estar em mais de 26 cidades pelo mundo, voltam a Santa Maria com mais certezas: não gostam da rigurosidade da competição!

Apesar da invernada Fandango rodar o Rio Grande do Sul dançando rodeios, não é preciso rodar muito para participar do que eles consideram principal. O FestXiru com nível estadual, acontece na mesma cidade da entidade, Santa Maria. Festival esse o qual essa invernada já se consagrou campeã. Sua última participação foi no ano de 2022, na mais recente edição. Na classificatória, ao vivo, pude perceber um grupo tenso, mesmo com tantos ensaios. Reflete na ideia de Pereira e Camillo (2013) que

o resultado do excessivo trabalho de harmonização e padronização de movimentos, quando na transposição das danças tradicionais para o palco, acaba por castrar a espontaneidade dos dançarinos afastando cada vez mais de sua essência cultural (p.109).

No XXIVº FestXiru havia 10 dez grupos xirus onde 7 sete se classificavam para a final, no domingo. A invernada Fandango mais uma vez ficou entre os melhores do estado. Caranguejo e Havaneira Marcada contam as sensações do palco:

**“É que assim ó, na nossa idade a gente entra ali e chama atenção do público. ‘Ah ali uns coroas vem dançar’ então a gente tenta fazer o mais alegre possível, o mais bonito, pra cativar o público. E a gente consegue isso. Nós, xirus, a gente consegue cativar o público com as apresentações. Quanto mais solta, mais leve, parece que é mais fácil a gente cativar.”** (Caranguejo)

**“É maravilhoso sabe apresentar em rodeios, ir a festivais, é muito bom na nossa idade. O público também comemora, vibra sabe. O público admira que pessoas de meia idade até pessoas mais velhas estejam ainda na ativa dançando né, e se apresentando com tanto empenho, com tanto amor à dança.”** (Havaneira Marcada)

Independente do amor à dança que é inegável, nesse trabalho fiz questão de “enfiar o dedo em algumas feridas”. Quando somos dançarinos de invernadas gaúchas mergulhamos tão forte, que são raras as vezes que refletimos sobre o Movimento e o meio que estamos inseridos. Já havia feito essa pergunta no

questionário (Apêndice B, pergunta número 7), mas no momento em que propus a análise sobre o manual de danças gaúchas para com os sujeitos mais velhos (apêndice C, pergunta 8) e estava cara a cara com os entrevistados pude ver os olhos arregalados que todos, sem exceção, fizeram. Tanto que para o Caranguejo eu precisei reforçar: **“calma, respira. Tudo certo responde. Só uma crítica construtiva, não tem problema em falar.”**

Por conseguinte, as respostas foram bem produtivas, e acredito que mereçam ser pontuadas, averiguadas e, porque não, acolhidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. “As danças tradicionais não são pensadas para os mais velhos” (Sm7),

**“O manual das danças e as próprias danças executadas no tablado impõe sim limites físicos para pessoas de mais idade. Elas realmente impõe, porque é muito rigoroso né. É muito rigoroso, é muito detalhista, e a gente já não tem mais as mesmas condições físicas de executar com perfeição as danças solicitadas.”** (Havaneira Marcada)

**“Ele [o manual] tinha que ser mais flexível, sabe, para muitas coisas dentro da dança. [...] aceitar mais. Porque como o manual cobra da gurizada, ele cobra de nós. Então o reflexo e a agilidade da gurizada vai ser muito maior, mais espertos que nós. Com a idade o joelho já fica mais duro, as ‘cadeiras’ também.”** (Caranguejo, grifo da autora)

As limitações que Caranguejo comenta, são citadas mais específicos por Havaneira Marcada nesse fragmento:

**“As limitações ao meu ver seriam giros, em função dos tornozelos joelhos articulações, enfim. Seria a leveza, porque também o corpo não tem mais a mesma leveza que a dança exige né. Então a gente faz o máximo pra se sentir leve para parecer mais leve, mas eu acho que é uma limitação bastante complicada. Também assim a memorização dos passos dependendo das coreografias, se elas são muito exigentes fica difícil, requer bastante tempo**

**pra memorizar os passos, pra memorizar as ações durante a dança.”**

E enfatizada por Chimarrita:

**“Realmente a gente não tem mais a graça e a leveza de uma jovem. Até porque por exemplo, especialmente o nosso grupo [Surungo], a maioria começou a dançar já tarde. Eu comecei a dançar quase aos 60 anos. Então não tem o porquê me cobrar uma graciosidade de uma jovem né.”**  
(grifo da autora)

Ela ainda complementa dizendo que é por isso que gosta de apresentações, pois ninguém fica cobrando que tem que pôr um pé pra lá e outro pra cá com extremo perfeccionismo. Rilo corrobora:

**“Eu acho que deveria ser assim ó: elo menos nos concursos o sistema de avaliação não podia ser o mesmo das invernadas juvenil, adulta. Porque tem que haver o reconhecimento do MTG, por exemplo, que o xiru não é mais um guri, eles têm suas limitações[...]Ponderar mais.”**

Sigo as reflexões buscando entender, e ver se os próprios dançarinos sabem apontar, o porquê da diminuição das invernadas xirus. É perceptível que nos últimos anos, o número de veteranos tem aumentado drasticamente na mesma proporção do apoucamento dos xirus. Havaneira acha que

**“Os grupos xirus tem diminuído em função das dificuldades né, e os grupos veteranos aumentado também em função, porque não, das dificuldades dos grupos adultos né. [...]o pique também já não é mais o mesmo. Mas eu acredito que o xiru especialmente estão diminuindo e até terminando em função disso e também acho que essa mesclarem de categoria[...] ter aqueles casais que podem ter um pouco menos de idade<sup>32</sup>, reforçar os grupos, então dificulta pro xiru. Porque os próprios xirus tem gente mais nova nos**

---

<sup>32</sup> Casais coringas, aqueles citados acima no item A divisão de categorias: veterano e xiru.

**grupos porque tem o casal que pode ser a exceção. Então tudo isso dificulta.”**

E compartilhando da mesma ideia:

“Dançarinos com mais idade, como o nosso xiru tem, estão parando de dançar porque as invernadas com dançarinos mais novos estão crescendo muito. Antigos dançarinos de invernadas adultas estão montando veteranos e xirus, e os xirus mais velhos estão parando pois fica mais difícil competir”(Fm3).

“Acredito que invernadas xiruas estão propícias a terminar. Xiru que me refiro acima de 50 anos [...] Este tipo de invernada está acabando, pois os veteranos, ou xirus mais novos, estão crescendo no meio”(Fh4).

Seu Rilo não concorda, acredita que

**“o xiru tem diminuído porque chega numa certa idade as pessoas cansam, tem outras atividades também. E de certa forma também os próprios ensaios exigem bastante dos xirus. Então acredito que as pessoas depois de uma certa idade não se sintam mais motivados a dançar.”**

O grande ponto nos depoimentos é a questão da faixa etária.

**“É!!! Eles criaram esse veterano que eu acho que... Tá, tá certo. Mas a idade... Eu acho que a idade de veterano teria que ser um pouco mais acima. Entendeu. E a idade do xiru também começar um pouco mais acima. Porque hoje por exemplo, [...] no nosso grupo tudo de 50<sup>33</sup> pra cima. Então pega assim, hoje, tem muito xiru com 40 e poucos que já dançou ENART. Eu nunca dancei ENART. Tem dançarino aí que dançou 4/5 ENARTs, ou dança o ENART e no mesmo ano também dança o FestXiru. Ai é que teria que rever a**

---

<sup>33</sup> Referindo-se a maioria, pois há uma prenda, Fm7, com 44 anos.

**idade de cada categoria. Tanto que assim ó, o nosso xiru saiu campeão estadual e não pode ir pro nacional porque lá eles cobram 50 anos. E nós tínhamos duas dançarinas com 49 anos”** (Caranguejo).

**“O limite de idade, 40 anos, pra xiru né. Mas é diferente de um xiru com 50, 55, 60 anos né. Então eu ainda acho que 40 é muito jovem para xiru. Deveria ser a partir dos 50 anos.”** (Havaneira Marcada).

Como parte do Movimento, dançarina, instrutora e pesquisadora dessa área, preciso concordar com os dois últimos fragmentos. Mesmo com o aumento da longevidade, com o envelhecimento ativo e saudável, ainda assim há um abismo de distinções entre os sujeitos envelhe(cidos)(endo) de 40 anos e os de 50 anos, idade que eu também acredito ser o ideal para a categoria xiru. O corpo muda, é um processo natural, apesar de todos os cuidados; e as diferenciações de 10 em 10 anos são consideráveis, por exemplo, baseado em (HEPPLE, 2003) o desenvolvimento da sarcopenia –modificação da musculatura esquelética que define a atenuação da potência e da massa muscular - desperta a partir dos 50 anos de idade, tendo potencial de prejudicar a eficiência e rendimento físico.

#### 7.4 “HOJE É DIA DE VIVER...AMANHÃ NÃO SE SABE”

O título desse item é sobre a fala da Chimarrita. No questionário ela só falou coisas boas sobre o envelhecer, mas será que é tão bom assim? Ela diz que o pai faleceu com 96 anos, a mãe irá completar 97, então isso dá razões para ela acreditar que, com cuidados, vai ter qualidade de vida até um bom tempo.

**“E assim ó: eu ainda quero ver a minha neta crescer, quero que venham outros netos. E a vida é isso né, é viver até o último dia bem. Porque não temos o porquê de ficar nos preocupando [...] Eu sempre digo pra minha mãe ‘mãe, hoje é o dia de viver! Amanhã não se sabe’.”** (Chimarrita).

Substanciando: é verídico que todos vamos envelhecer (ou seguir envelhecendo, né?), salvo se morramos antes.

Ao perguntar “ envelhecer incomoda?”, obtiva as seguintes respostas: **“eu acho que não me incomoda o envelhecimento, por ser um processo natural.”** (Havaneira Marcada); **“claro que não [sem titubear]. Pra mim é uma passagem de tempo. É a mesma coisa. Pra mim não faz diferença nenhuma ‘ah hoje estou mais velho’.”** (Rilo, grifo da autora); **“olha...claro né, a gente não quer né mas...”** (Caranguejo).

Algumas coisas do envelhecimento incomodam Chimarrita: **“a gente fica um pouco esquecida as vezes, né. E a questão da saúde, é uma dor ali, uma dor aqui.”**. Entretanto, quando faço esse questionamento ou “você tem medo de envelhecer”, espero ouvir mais incômodos e medos da morte. Fui errônea. Nenhum deles citou envelhecimento associado ao fim da vida e conectam essa fase da vida mais atrelada ao envelhecimento natural biológico. Havaneira mesmo cita que **“o envelhecimento é um processo natural, né, pelo qual todos os seres vivos passam, especialmente nós humanos”**.

Complementando:

O envelhecimento é, certamente, o fenômeno biológico mais equitativamente partilhado pelo reino animal e vegetal, ainda que alguns seres vivos envelheçam muito depressa, outros de uma forma muito mais lenta e outros, ainda, pareçam não sofrer de senescência. (ROBERT, 1995, p.7)

Todavia, por uma ótica antropológica, desnaturalizamos a velhice ao a apontarmos como uma concepção sociocultural, oscilante em conformidade ao tempo e espaço. É por isso que é heterogênea as visões sobre envelhecimento. **“A gente pode envelhecer na idade. Mas a gente sabendo viver, sabendo levar a vida, o envelhecimento demora, fica pra trás da idade. É mais o envelhecimento de idade do que de alma.”** (Caranguejo); **“o envelhecimento é simplesmente uma passagem do tempo né. Só conta o tempo, porque na verdade o envelhecimento é a pessoa que faz né”** (Rilo). “Envelhecer significa a pessoa ficar sem fazer nada, ocioso. O fato de se ter uma idade avançada, não significa, necessariamente, envelhecimento” (Sh1); “é literalmente ver as folhas do calendário caindo”(Sm4); “significa conviver com perdas e ganhos, com as mudanças do nosso corpo físico, emocional, espiritual. Com novos papéis, afazeres, limitações.”(Sm9); “quanto mais envelheço mais leve a vida fica. Sou mais feliz.”(Sm10); “ver os filhos crescerem, poder dizer não, fazer o que quer, não ter compromissos”(Fm15). Essa última fala sobre o envelhecer me chama atenção. Fm15 foi a única pessoa que falou sobre essa

independência e liberdade. Ela é uma mulher de 50 anos, casada, do lar, e com 2 filhos; e parece perceber “[...] o envelhecimento como uma descoberta, altamente valorizada, de um ‘eu’ que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais e familiares.” (GOLDENBERG, 2022, p. 62), como uma liberdade tardiamente conquistada.

“Como você se vê envelhecendo?” faz parte da gama de indagações do questionário. Fm10 acredita “que seja o envelhecimento do corpo, porque mentalmente eu não sinto”, e corroborando, “simplesmente não me vejo, mas o corpo sente”(Sh3), “não me vejo envelhecendo, ainda não pensei nisso, mas não faço disso um problema”(Fm13). Ainda pontua a resposta do senhor Rilo: “eu não me vejo assim porque ainda sou novo”, disse o advogado de 65 anos. Ele ainda afirma que já tem tempo e idade para a aposentadoria e não a efetuou porque precisa se manter em atividade para ajudar na saúde mental. Baseado em Bassit e Witter (2017) a aposentadoria é uma fronteira que demarca um evento no envelhecimento masculino, pois para os homens, muitas referências são construídas a partir das incumbências enquanto provedor. A aposentadoria, então, indica a transição desse sujeito do espaço público para o privado, ocasionalmente, influenciando nas relações sociais, por exemplo. O isolamento social e as adequações perante algumas perdas causadas pela aposentadora, provavelmente ajudam para que seu Rilo se mantenha na ativa. Para isso, ele também permanece com as atividades físicas em dia: faz pilates, academia e padel.

O estudo me apresentou que os entrevistados relacionam o processo de envelhecer com enfermidades. E esse encadeamento faz-se o medo mais comum entre eles. **“Eu só não gostaria de ter Alzheimer né. Sem a saúde mental. Cuido muito disso. Não gostaria de ficar também prostrada numa cadeira de roda ou numa cama”** (Chimarrita). **“É, sei lá, o medo de, a gente vê tantos exemplos né, de pessoas que vão ficando, vão perdendo a capacidade de se locomover...é o medo da gente. Acho que qualquer um tem esse medo”** (Caranguejo).

**“Eu tenho sim um certo receio de envelhecer. Não chega a ser medo, mas eu tenho um certo receio. [...]É o novo né, é preocupante porque é o novo, é o que a gente vai viver pra frente. Então eu tenho medo principalmente das doenças.**

**De ficar invalida algum dia né. Então essas coisas assustam bastante mesmo”** (Havaneira Marcada).

Embora seja de comum entre eles, o medo de depender dos outros acaba sendo uma ideia quase que subentendida relacionada ao envelhecer. Mas 3 (três) dos 4 (quatro) sujeitos entrevistados usaram exemplos familiares para se distanciarem dessa realidade: Rilo tem o pai com 95 anos, e se não fosse a debilitação visual e auditiva acredita que seria muito mais ativo do que ainda é; Chimarrita tem nos pais exemplos de longevidade, o pai faleceu com quase 96 anos e a mãe completará 97; já Caranguejo conta que a mãe de 93 anos ainda faz caminhada, pega enxada e cultiva plantas. Fazendo parecer, assim, que a genética ou os efeitos sociopsicoculturais de suas famílias fosse amparo de longevidade.

O medo de perder suas independências e autonomias também foi pauta de algumas conversas informais nos ensaios nos quais estive presente. São concepções normais, visto que, conforme os sujeitos envelhecem, iniciam os temores por não poderem seguir suas atividades da vida diária (AVD), receando as sujeições. Para a manutenção de vida mais saudável e longe das doenças, Havaneira conta com **“alimentação mais equilibrada, atividades físicas, ingerir bastante água, e tomar os cuidados necessários da idade. Quando necessário visitar o médico”**.

Quando o quesito foi envelhecimento e saúde os homens foram homogêneos nas respostas.

**“Mas eu vou no médico sim, eu faço meus exames de rotina uma vez por ano. Até porque eu tenho histórico de doença familiar, então eu tenho que me cuidar mesmo. Então todos os anos eu faço todos os exames possíveis.”** (Rilo).

**“O check up uma vez por ano é normal. Todos os exames, é normal. E tento me cuidar: peso, comida, alimentação. Quando eu vejo que a bombacha tá apertando eu diminuo. Então são coisas que eu consigo me regrar.”** (Caranguejo).

Chimarrita também disse cuidar com frequência de sua saúde, principalmente devido a um problema no joelho. Entretanto Havaneira Marcada diz **“eu não costumo**

**ir ao médico regularmente, só quando eu estou doente**”, pois relata ter sua disfunção na tireoide controlada.

Em uma sociedade que exalta a juventude, como será que eles lidam com o envelhecimento e saúde? O cuidado com a aparência foi abordado também, sobre os artefatos que protelam o envelhecimento: filtro solar, cremes, procedimentos cirúrgicos, etc. **“É...todo mundo briga comigo por causa do tal de filtro solar.”** (Rilo).

**“Nunca fiz botox. Ainda não. Se tivesse dinheiro já tinha feito, eu acho, mas não tenho condições financeiras de fazer. Mas assim ó, acho que quando a pessoa gosta, quer se sentir mais jovial e tem condições financeiras, deve ir em frente. [...]gosto de usar cremes e também eu gosto e já botei cílios postiços, gosto de pintar o cabelo. Acho que fica realmente mais jovem, mais jovial. Enfim, algumas coisas assim eu faço né, pra manter a aparência”** (Havaneira Marcada).

**“Ainda não [fiz nenhum procedimento cirúrgico] porque não sobre dinheiro pra aposentada pra fazer isso. [...] queria muito tirar a pochete, tirar alguma ruguinha. Mas também se não puder...faz parte”** (Chimarrita, grifo da autora).

Enquanto mulher, Havaneira acredita que é preciso buscar ferramentas que retardam o envelhecimento, para manter um pouco mais a jovialidade: **“cuidar da pele, cuidar do cabelo, essas coisas que as mulheres geralmente gostam mais [que os homens]”** (grifo da autora).

São cuidados que se tornam hábitos feminilizados porque desde sempre são ensinados como condição de gênero. Mas apesar desses cuidados, ou a falta deles, a maioria acredita que o melhor ou pior envelhecimento independe da biologia dos gêneros. “quem envelhece melhor: o homem ou a mulher?”

**“Olha, qualquer um. Tanto o h quanto a m pode envelhecer rápido ou não envelhecer. Depende da atitude de cada pessoa. Eu conheço pessoas da minha própria família que**

são mais novos que eu mas eles tem uma vida sedentária eles não saem de casa, eles não praticam atividade nenhuma. Nem pra fazer uma atividade social, ajudar os outros, ajudar os carentes, nem isso eles fazem. Então essas pessoas embora sendo mais nova em idade, a mente deles é uma mente de pessoa idosa. É o envelhecer da mente.” (Rilo).

“Envelhece melhor? Olha, depende da pessoa. Do jeito que ela vai encarar a vida, do jeito que ela vai encarar a idade que ta chegando. Eu tenho exemplo: a minha mãe tem 93 anos, ela caminha, ela pega enxada, ela cultiva as plantinhas dela. E tem outras pessoas com menos idade que já tão se entregando” (Caranguejo).

Já Havaneira marcada abordou diferente:

“Acredito que o homem envelheça de forma mais tranquila. E entendo que os homens aceitam mais o envelhecer. Assim, no sentido de não se preocupar tanto com a aparência quanto as mulheres né. Então pra mulher é mais preocupante, é mais traumatizante, assim, ver as rugas, os cabelos brancos. Enfim né, as coisas que vão acontecendo no dia a dia durante o envelhecimento. Acho que os homens levam mais de boas, como se se diz né, esse período.”

Observa-se a partir dos fragmentos que há múltiplas meios de perceber e encarar a experiência dessa fase do envelhecer. E, francamente, nem é sobre quem vivencia pior ou se adequa melhor a ela. O fato é que em algum momento houve ou vai haver alguma resistência ou incômodos os quais serão necessárias aceitaçãoes (pois as frustrações acontecem...e tá tudo bem, viu?) e adaptações. Por exemplo, na entrevista, Chimarrita reclama de dor na coluna, mas logo fixa: **“mas eu vou dançar. Não faz mal que tenha um pouquinho de dor...faz parte”**

Ainda sobre saúde, destaco que *“no CTG fandango o aroma era de canfora e menta, usadas em medicamentos de alívio de dores, lesões. Geralmente nesse grupo era usada no joelho e por homens”* (Diário de Campo 4 - Fandango). Além disso, há

aqueles que padecem com as consequências do COVID-19; *Fh4 diz: “coloca no teu trabalho que a COVID afetou a memória e o meu respiratório” (Diário de Campo 4 - Fandango)*. O mesmo sujeito no questionário complementa: “depois que tive COVID senti mais dificuldades, sequelas apareceram. E nas danças que exigem mais fôlego senti muito cansaço.”. Infelizmente, além do dia-a-dia, esses sintomas interferem na execução e qualidade do dançarino e da dança.

O envelhecimento está ligado no modo em que os indivíduos conduziram e conduzem sua vida, ao estímulos do ambiente e significados. Mas os sujeitos aqui pesquisados

[...] também questionam, com suas práticas cotidianas, os estereótipos, derrubam tabus e inventam novas possibilidades significados para o envelhecimento.

Eles também não aceitam se comportar, vestir e falar de determinadas maneiras consideradas socialmente adequadas para "um velho". Ao contrário. Eles enfatizam que, com mais idade, conquistaram a liberdade de "ser eles mesmos". (GOLDENBERG, 2022, p. 58)

Então será que esses sujeitos-dançarinos de invernadas xirus da cidade de Santa Maria, depois de envelhecem, deixaram de fazer ou de usar algo por decorrência da idade?

**“Por exemplo, eu não pinto mais o meu cabelo. Eu uso as minhas mechas naturais (hehe). Por quê? Porque eu acho que chega num ponto que o que é artificial aparece muito mais. Então deixa ser natural...o cabelo...deixa ser natural as rugas. [...]E não procurar achar que meu seio é pequeno ou porque eu tenho uma barriga que eu não vou poder botar uma roupa que eu goste e que eu me sinta bem. Então, é por aí.”** (Chimarrita).

**“Não, não! A gente tem que se aceitar. O físico não é o mesmo, a pelanca começa a aparecer [...] mas sigo usando até a sunga (risos). [...] E tentar viver né...não adianta”** (Caranguejo); **“a gente dá uma adequada na roupa pra ficar mais elegante um pouco. Mas eu nunca deixei de usar! Eu uso short curto, uso saia curta, minissaia [...] Às vezes a gente dá uma adequada pra não cair no ridículo né.”** (Havaneira Marcada); **“absolutamente nada. Eu não me sinto uma pessoa velha”** (Rilo).

“Nesse sentido, em uma cultura em que o corpo é um capital, o envelhecimento pode ser experimentado como uma como um momento de grandes perdas” (GOLDENBERG, 2022, p. 65), então, perceber a maneira leve e positiva que os sujeitos levam as questões de estereótipos dos corpos envelhec(idos)(endo) é muito animador.

A influência midiática perpassa pela produção de significados, mesmo que esse lugar por vezes não seja percebido assim, e pelo nosso cotidiano. Nos inspiramos a todo instante com as interpelações dos meios de comunicação, na televisão, por exemplo, as representações não são neutras. O envelhecer na mídia, nem sempre tem aspectos positivos, e interferem na forma como assimilamos os conceitos e compreendemos formas de agir. Quando questionado se há alguém famoso que eles se inspiram em um bom envelhecer, seu Rilo logo já disse: **“famoso não, me inspiro no meu pai”**. Já Caranguejo acredita que Pelé ao passar dos anos se conservou, referindo-se a energia, lucidez e sucesso. A aparência não foi citada então, dá a entender que “a atividade profissional e sucesso masculino parecem apagar os sinais negativos do envelhecimento” (GOLDENBERG, 2022, p. 129). As entrevistadas mulheres tem apreço por Fernanda Montenegro e Xuxa: **“a Fernanda Montenegro. Eu sou muito fã dela. Ela é muito lucida nas suas colocações. E ela aceitou envelhecer naturalmente”** (Chimarrita);

**“eu acho que a Xuxa envelheceu bem. Porque ela não aparenta ter medo de demonstrar que envelheceu. Ela assume a velhice, assim, com propriedade. Como uma coisa normal para qualquer ser humano. Inclusive ela coloca muito que as pessoas cobram muito uma beleza eterna, uma jovialidade eterna, e pra ninguém isso acontece. Então os famosos acho que eles lutam mais contra isso pelas pessoas públicas que são, né, por aparecer nas mídias. Então acredito que é mais difícil.”** (Havaneira Marcada).

As mulheres são, notoriamente, as que mais se preocupam com as modificações que o envelhecimento provoca: o metabolismo lento ocasiona o aumento de peso, a pele começa a perder o colágeno deixando a pele flácida e enrugada, e ainda maior revelação das varizes, estrias e celulites, etc. Destaco o

depoimento de Havaneira Marcada quando pergunto se tem alguém famoso que ela acredita que tenha envelhecido mal.

**“A Cássia Kis eu acredito que ela envelheceu um pouco mal, digamos assim. Porque simplesmente ela ainda era uma mulher de meia idade e ela se deixou...deixou a velhice chegar com tudo. Mas é uma escolha dela ne. Não cuidou da pele, cabelo assumiu logo os brancos e assim, a pele bem enrugada, bem judiada. Mas uma escolha dela, ela resolveu que fosse assim e assumiu aquele momento da vida. Então sem críticas mas eu acredito que ela deixou o envelhecimento chegar com mais rapidez”.**

“Alguns valores parecem resistir à mudança [...] reproduzem e fortalecem os preconceitos e estigmas sobre a velhice (GOLDENBERG, 2022, p. 15)”. Apesar de lutarmos pelas quebras de preconceitos, é frequente as vezes que há críticas (construtivas ou não) sobre mulheres que optam por manter-se sem utilização de intervenções estéticas. Pensemos que os cabelos brancos foram sinônimos de desleixo, no fragmento acima. No geral, homens de cabelos brancos são vistos como charmosos, “homens ficam interessantes quando os mais velhos” (Ibid, p.118). Aparenta que as pressões recaem somente na mulher, e que os homens passam ilesos dos efeitos do tempo.

Mas qual será a fórmula para envelhecer bem? Para chimarrita é se manter ocupada, se manter se achando útil, **“eu acho que é um segredo”**. E pra bem da verdade, não existe segredos. O bonito mesmo é ver que

a beleza da velhice está, exatamente, em sua singularidade, na possibilidade de ser inventada por cada um de nós. [...] O mais importante é que suas escolhas sejam motivadas pela própria vontade, e não pela necessidade de responder às demandas sociais e familiares. (GOLDENBERG, 2022, p. 79 e 82)

## 7.5 ENTRE SARANDEIOS E SAPATEIOS: DIDÁTICAS E QUESTÕES DE GÊNERO

Se gênero determina e organiza sentidos e conceitos para as diferenças sexuais construídas culturalmente a respeito das relações de/entre homem e mulher

(SCOTT, 1989), então estas idealizações históricas de outrora colaboram nas concepções sobre gênero no presente. Como visto anteriormente, as marcações de gênero na cultura gaúcha são bem constantes, e isso inclui as danças, sejam elas de salão ou tradicionais. Por conseguinte, destaco que as danças do Rio Grande do Sul são bailadas em pares, um homem e uma mulher, ou seja, um peão e uma prenda. Histórico, social e culturalmente, nesses bailados as prendas seguem representando as submissões, delicadezas, recatamento; enquanto os homens conduzem a dança e exibem suas habilidades, galanteio.

Nas danças tradicionais gaúchas os homens sapateiam e as mulheres sarandeiam. O sapateio é o bater dos pés no chão, no ritmo da música, com intuito de acompanhar com efeitos de sons a dança; é a maneira que o peão tem para conquistar as prendas. Entretanto, se no par as acompanhantes forem membros de sua família, o sapatear torna-se apenas um ato de mostrar divertimento e satisfação pelo dançar. Já o sarandeio são os meneios femininos, exploram toda a graça das mulheres e são desenvolvidos de forma livre, de acordo com as possibilidades de cada prenda e/ou referente a dança específica.

Normalmente, quando vemos grupos de dança com um casal de instrutores, a criação e ensino ficam separados desta forma citada. Todavia, são os homens que, de forma mais comum e naturalizada, são vistos a frente das invernadas. Pra/por eles, é normalizado o desenvolvimento e execução de sarandeiros, já que são homens e - contém ironia- possuíntes de todo o conhecimento desde de que o mundo é mundo. Mas e as instrutoras mulheres, será que ensinam sapateios? Importante salientar que é muito difícil ver apenas uma mulher liderando invernadas, geralmente são auxiliadoras –de outros homens- e vistas como papel secundário.

Nos grupos estudados, na xiru do Surungo temos uma mulher instruindo, e na do Fandango um homem. Em ambas invernadas presenciei ensaios que precisaram de colaboração de outros sujeitos -de gêneros opostos aos instrutores.

*“Por precisarem de uma referência feminina, em um dos ensaios duas mulheres foram ajudar o grupo de prendas. Ambas partes de grupos de dança tradicionais gaúchas, usando linguagem mais feminina. Mas durante o ensaio fiquei analisando e*

*refletindo: será que ser uma boa dançarina quer dizer que se tem o feeling de ensinar?” (Diário de Campo 2 – Fandango).*

*“Nesse dia teve o apoio de um homem para ajudar na instrução. Percebi que ele toma conta do ensaio, deixando a Sm+ de lado no ensaio” (Diário de Campo 2 - Surungo).* Tais análises me deixaram reflexivas: era preciso essa ajuda? Será mesmo que homem não sabe sarandear e mulher não sabe sapatear? O Fh+, por exemplo, *“para os movimentos de saia ele utiliza o ‘e 1 e 2 e 3 e 4’ o que geralmente quando eu instruo também uso, pois é pertinente ao tempo de condução da saia” (Diário de Campo 1 - Fandango).* Quando questiono sobre essas separações de ensino entre sapateios, sarandeiros, peões e prendas, foram respostas bem homogêneas: é preciso sim a diferenciação. Chimarrita e Rilo, por exemplo, não acreditam que as mulheres possam ensinar sapateios.

**“O nosso sapateio gaúcho não. Porque ele exige uma técnica muito masculina, que dificilmente uma prenda que dança como prenda vai conseguir fazer. Então assim ó, quando a gente precisa ela [instrutora Sm+] tem ajuda de homens pra ajudar.”** (Chimarrita, grifo da autora).

**“Não (risos), não é que não possa. Eu acho até que pode né, desde que ela faça um sapateio que nem os homens fazem. Acho que a mulher por causa da sua função física ela tem uma certa dificuldade. E até porque as mulheres não são treinadas para isso desde nova. [...] Eu nunca vi uma mulher ensinar sapato, eu nunca vi uma mulher dançar chula. Entendeu. Acho que isso é uma questão cultural.”** (Rilo).

Caranguejo no questionário disse que para a mulher “falta condições de ensinar o sapateio”. Por isso perguntei: então mulher não sabe sapatear?

**“Não, é que não saaaiba...Mas ela não tem a mesma desenvoltura dum homem, dum professor homem. Eu conheci aqui no CTG meninas que olhavam e sapateavam. Mas a própria natureza joga a mulher pro lado do sarandeio a o homem pro lado do sarandeio.”** (Caranguejo).

Havaneira aborda um pouco sobre a exclusão dos saberes femininos.

**“Eu entendo também que para a mulher, quando ela vai ensinar o sapateio ela sofre mais discriminação do que quando um professor ensina o sarandeio. Pra mulher ela já é vista de uma outra forma ‘ah mas ela não sabe direito, ah mas como que ela vai sapatear como o peão’ né. Já a gente, prenda, aceita bem que o professor ensine o sarandeio, embora a gente não consiga copiar como se fosse uma outra prenda nos ensinando.”**

Validando esta fala:

“já presenciei mulheres mais dinâmicas em ensaios do que alguns instrutores masculinos. Mas nesse meio tradicionalista sabemos que uma certa porcentagem é machista e discriminatória como em outros setores da nossa sociedade. Prefiro ver a competência do que o sexo [gênero] dos instrutores.” (Fh12, grifo da autora).

Já Chimarrita traz um complemento sobre os estereótipos:

**“eu acho que até o estereótipo do homem e da mulher na dança gaúcha. Que tem uma diferença né. Mesmo que, tu vê né, hoje a gente tem muitos homens no movimento tradicionalista que são né...Gays...Mas que eles dançam e dançam com muita postura né.”**

Como já falado, na maioria das vezes os instrutores são homens, e executam e ensinam ambas partes: dos peões e das prendas. Mas eles são questionados quando instruem sarandeiros e meneios femininos? **“Ah sim. Porque eles não tem graça nenhuma. Nós já tivemos. [...] Então não quero questionar se o homem ou a mulher que ensina.”** (Chimarrita).

**“Eu acho que uma mulher ensinando sarandeio é mais inspiradora e mais esclarecedora do que um coreógrafo homem ensinando sarandeio. Eles sabem os passos do sarandeio e tudo né, o manjo das saias, os trejeitos. Mas**

**eles não tem o corpo feminino pra demonstrar da forma que uma mulher demonstra pra outra mulher, como fazer cada passo pra ficar delicada, pra ficar atraente, pra ficar feminina.”** (Havaneira Marcada).

**“Aaaaaahh...Mas...É uma situação né...Ele tenta! Ele tenta mas também não é a mesma coisa. Ele pode ensinar os passinhos mas o charme e a delicadeza...ah, não.”** (Caranguejo). **“Não. Até porque ele dança muito bem. E tem outros instrutores que sabem também.”** (Rilo).

Nesse caso, tais concepções, são “fruto de relações de poder e que gera efeitos de poder, o lugar em que se constrói aquilo que reconhecemos como certo/errado, normalidade/desvio, nós/eles, homem/mulher, **[peão/prenda]**, entre outros [...]” (MEYER, 2000, p. 57, grifo da autora) e assim concebemos os “significados que queremos que prevaleçam relativamente aos significados de outros indivíduos e de outros grupos” (SILVA, T, 2001, p. 21). Baseado nessa rede de significação, não há como pensar em um (mulher) sem pensar no outro (homem), e vice e versa. Por isso que

**“seria interessante se os grupos tivessem professores de ambos os sexos né, para poder dar essa parte, pra poder fazer essa parte dos dois, da prenda e do peão com mais eficiência, digamos assim. Então acredito que assim, o ideal seria o casal de professores para passar sarandeiros e sapateios.”** (Havaneira Marcada).

A metodologia de ensino dos instrutores de danças tradicionais gaúchas não deve se limitar apenas ao repetir, mesmo que a repetição seja, “[...]sem dúvidas, um dos fatores mais importantes da aprendizagem. Aprender é, frequentemente, referido como ‘o que fica após ter esquecido tudo’,” (CAMILO, PEREIRA, 2013, p. 18); mas sim uma atenção no processo de aprendizagem e na parte física dos dançarinos. “Nosso instrutor é bem didático, repete várias vezes para assimilarmos movimentos, e nos ensina com respeito e paciência”(Fm3). Mas a necessidade de contextualização das danças também é importante. No CTG Fandango *“o instrutor explicou as características do ciclo contando as historinhas para que, principalmente na interpretação, isso seja aplicado”*. (Diário de Campo 6 - fandango). Relatar as

características e alimentar a criatividade para compreender o que vai representar, são conhecimentos que favorecem nas interpretações, gestuais e faciais, dos dançarinos. É a partir dessas dinâmicas que serão atingidos os objetivos das invernadas, seja para um bom desempenho na competição ou uma dança bem reproduzida nas apresentações.

O planejamento dos ensaios por categorias, nada mais é que pensar na realidade dos sujeitos-dançantes, com didáticas que propiciem chances maiores de entendimento cognitivo e motor, além da parte afetiva e social. Isso porque o instrutor precisa lembrar que, por exemplo, na faixa etária das invernadas xirus, há muitas variações das condições físicas, emocionais e domínio de habilidades. São normalmente propostas as didáticas parciais, ou seja, as que dividem “[...] a dança em partes, fazendo com que o aluno assimile cada uma delas, para que logo, após fixadas, o aluno possa reproduzir a dança unindo as mesmas” (CAMILO, PEREIRA, 2013, p. 18). É a dinâmica parcial que o instrutor Fh+ do CTG Fandango usa frequentemente, tanto com o grupo todo quanto a separação entre peão e prenda. A divisão de ensinamentos de “peão para um lado e prenda para o outro” não agrada a todos, “*Fh1 reclamou dos ensaios assim, dizendo que perde o entusiasmo e não tem o mesmo ‘tchan’ de quando se dança com o par.*” (*Diário de Campo 6 - Fandango*).

Além disso, um dos momentos dos instrutores ao pensar no planejamento para grupos xirus deve ser a escolher as danças. Pois é necessário que estejam acordo com a categoria, suas habilidades e dificuldades, visto que algumas danças já são inacessíveis –como por exemplo o Chote de sete voltas e o Pau de fitas-, uma vez que o manual não abre brecha para mudanças. E mesmo as adequadas ainda sim há obstáculos, como no ensaio da Invernada Surungo, onde a Sm+ pede “*‘cabeça fixa no peão, só cuida pra não tontear’, onde a fala foi feita pois nesse dia uma das prendas não estava girando a voltinha no meio<sup>34</sup> porque estava bem tonta.*” (*Diário de Campo 2- surungo*). Depois da escolha das danças, é preciso adequar o andamento musical conforme a necessidade do grupo. Na observação do CTG Surungo, tenho a percepção que “*a dança do Chote Inglês está muito rápida. Os dançarinos tem dificuldade em acabar os movimentos de forma natural e suave, e logo já partem pra outro. Acabam a dança muito ofegantes.*” (*Diário de Campo 1 – Surungo*).

---

<sup>34</sup> Giros de voltas inteiras feito na dança do Tatu com Volta no Meio.

O tempo de aprendizado é preciso ser levado em conta quando pensado em invernadas xirus. As diferentes maneiras de interiorizar o aprendizado são muitas, e a práxis entre o entender e o fazer demora mais. *“Ele quer mudar as coisas 15 dias antes. Eu não aprendo mais tão rápido” (Fm17, Diário de Campo - Fandango); “2 (dois) peões passam por mim e dizem ‘ele ensina coisa nova agora’, ‘a gente precisa de segurança de no mínimo uns 2 meses’ ”(Diário de Campo 5 - Fandango).* Como parte da pesquisa, acreditei ser importante entender o que o instrutor pensava sobre esses comentários. Dentre as queixas, o instrutor *Fh+* diz que *“ ‘eles tem dificuldade de separar as partes do corpo’ e também que ‘não conseguiu soltar o grupo e que eles não são abertos para novidade’.” (Diário de Campo 6 - Fandango).* Minha tentativa foi de argumentar sobre precisarem de mais tempo para assimilar esses novos aprendizados. A dificuldade da consciência corporal, que nada mais é que o conhecimento do corpo e/ou de suas partes, possivelmente é devido à falta de trabalho com esse quesito. Se não estudado, absorvido e apropriado, se torna realmente uma adversidade, sendo que poderia facilitar a prática da dança.

Sobre a estrutura do ensaio, o correto seria dividi-lo em 3 (três) momentos: o aquecimento, para que o corpo se prepare para os próximos minutos/horas de dança, com o cuidado com as musculaturas, ligamentos, tendões e articulações; a parte do ensaio específico; e um alongamento, para a recuperação do corpo (CAMILO; PEREIRA, 2013). *“O aquecimento do grupo foi feito com a própria dança tradicional, o tatu com volta no meio. Eu achei estranho pois ele é professor de educação física e deveria dar uma atenção maior para esse quesito (Diário de Campo 5- fandango).* Para Havaneira,

**“o trabalho que falta [...] é fazer um aquecimento antes, por exemplo sabe. Um alongamento. É fazer um momento de descontração antes de começar o ensaio. É fazer um momento de relaxamento e até uma certa meditação no final do ensaio. Ou uma reflexão de como foi o ensaio, o que que trouxe de produtivo, o que que se aprendeu naquele momento. Acho importante essa roda de conversa, não só pros ajustes do grupo, pros ajustes das atividades do grupo, mas também para que a gente possa conversar e trocar experiências relativas a dança”.**

Por fim, “há quem afirme que os instrutores de dança sai fruto do meio em que vivem e que hoje necessitam de resultados satisfatórios para que possam ser vistos como bons profissionais” (CAMILO, PEREIRA, 2013 p. 108). Eu ainda prefiro ver o instrutor -seja ele homem ou mulher, ensinando sozinho ou em par, para competição ou apresentação- como um mediador de conhecimento que, independente do produto final, tenha certeza de que o meio, o processo, foi feito/está sendo feito com sensibilidade e cuidado.

## 8 CONCLUSAO

Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos  
Tempo tempo tempo tempo, entro num acordo contigo  
Tempo tempo tempo tempo...  
(Caetano Veloso)

Um olhar sensível e carinhoso com o envelhecimento: foi assim que tentei pesquisar. Ainda mais quando me deparo com as experiências dos sujeitos-dançantes e a maneira livre e natural com que encaram esse processo. Nesse estudo não quis abordar o envelhecimento por uma ótica que marca (apenas) as decadências, doenças e perdas, posto que, naturalmente, essas perspectivas foram abordadas em alguns momentos. Outrossim não percebi opiniões em que os participantes negavam ou rejeitavam essa fase da vida. Também há poesia no envelhecer!

É inegável que os homens e as mulheres que estou estudando podem contribuir para mudar o olhar sobre a velhice e provocar uma reflexão sobre tudo o que ainda precisa ser feito (...) como também **[mostrar como]** viver com mais beleza, felicidade e liberdade. (GOLDENBERG, 2022, p. 18, grifo da autora)

Foi através do método qualitativo que pude alcançar os objetivos; dado que as invernadas xiruas foram encontradas, os grupos que aceitaram participar foram analisados, foi dado voz aos sujeitos-dançarinos para contarem seus pontos de vistas de estar envelhecendo nesse meio, oportunizado os sujeitos-instrutores de falar e (re)pensar suas didáticas de ensino, e compreendido significados sobre envelhecimentos. Sim, no plural, pois são muitos jeitos e maneiras de se tornar mais velho. A escolha do método foi decisiva e fez ampliar as possibilidades de descobertas do tema, de modo interpretativo, sensível e singular.

A partir das análises dos dados sociodemográficos, da observação dos grupos, dos questionários e entrevistas, saliento entendimentos que merecem ser

evidenciados. Claramente aqui fica sabido que há sim uma transformação de pensamentos e condutas quanto ao envelhecimento. Todavia, infelizmente, ainda há situações estereotipadas negativamente com relação a essa fase, que (in)conscientemente são reproduzidas. Esses estereótipos também envolvem as questões de gênero, principalmente quando se fala das instruções nas invernadas gaúchas. É interessante pensarmos que, provavelmente, só há homens participando desta pesquisa porque se trata das danças gaúchas, pois nesse contexto o dançar masculino é permitido, e até incentivado. E mais, é permitido que pessoas velhas também dançam.

De modo instigante, neste estudo há diferenças nas formas de pensar sobre o envelhecer entre os homens e as mulheres pesquisadas; entretanto é partilhado por eles o projeto de envelhecer para viver. Ao que me parece, “essa geração [...] envelheceu, mas não se aposentou de si mesma: continua tendo projetos de vida, criando, trabalhando, dançando, cantando, estudando, viajando, amando e muito mais” (GOLDENBERG, 2022, p. 14), mesmo que aproximadamente 35% dos sujeitos-dançarinos sejam aposentados.

Dançar tem seu papel socializador, de qualidade de vida e manutenção da cultura. Mas é preciso lembrar que, dançar no ambiente tradicionalista gaúcho ainda é uma dança restrita a grupos e pessoas: a classe social, ou melhor, as possibilidades financeiras, delimitam o acesso. Pensamento esse que se corrobora quando destacamos que é preciso gastar com pagamento de mensalidade (para o CTG e para a invernada artística), investimento em pilchas<sup>35</sup> (normalmente são trocadas ano a ano conforme tema do grupo), idas aos festivais (passagens e credenciamentos), pagamento de vocal, para as prendas penteados e maquiagens (a cada rodeio dançado), etc. Como cito na introdução, na minha casa somos 3 (três) dançarinos: eu, meu pai e minha mãe; e sempre brincamos que só de indumentárias acomodadas no guarda-roupa –destes quase 30 (trinta) anos de danças tradicionais gaúchas- temos um valor aproximado a um carro popular 0 (zero) km.

Compreendi que a independência e a autonomia promovem a inserção dos sujeitos envelhec(endo)(idos) nos grupos de dança e nos ambientes de relações

---

<sup>35</sup> Como são chamadas as vestimentas das prendas e peões. Também é costumeiro chamarmos de indumentária.

sociais, e que são pela melhora da saúde, sociabilidade, amizade, prazer, que eles permanecem. Entretanto é preciso condições favoráveis para que os dançarinos, especialmente os mais velhos, assimilem e construam significados com o que está sendo ensinado a eles. Eu, particularmente, enquanto instrutora, uso de metáforas: uma passo cruzado e pequeno faz com que as prendas fiquem em posição parecida quando estão apertadas para irem ao banheiro, com vontade de urinar...é assim que o último passo da segunda figura das prendas na dança do Chico Sapateado se tornou, para as prendas que eu ensino, o “xixizinho”. Quando revejo algumas sempre ouço algo do tipo “eu fiz o xixizinho hoje, tu viu?”. Então, que este estudo abre caminhos para que os sujeitos-instrutores (re)pensem suas didáticas.

Apesar de entender e concordar que o envelhecimento coloca algumas limitações nos sujeitos, e que elas vão se intensificando com o passar dos anos, é preciso reconhecer que há muitas possibilidades para que essa fase não seja percebida apenas como o ‘fim da linha’ (ROSA, 2015). As novas percepções de envelhecimento e de gestar essa fase da vida é uma tendência contemporânea e perpassam pelas reformulações, revisitações e renovações dos estereótipos, permitindo um olhar mais positivo. Na sociedade contemporânea, a noção de envelhecimento ativo pode ser uma nova possibilidade de compreendermos que doravante das relações de sociabilidade e (trans)formações dos sujeitos a partir das suas vivências e trocas de experiências com os demais indivíduos do seu contexto, podemos emergir uma visão de bom envelhecimento, de um “novo velho”. E a possibilidade de dar voz e aos sujeitos-dançarinos de invernadas xirus, e dar escuta a eles, me fez perceber e valorizar suas dificuldades, e acredito que contribuir para esse novo entender do envelhecimento.

Finalmente, não poderia acabar essa pesquisa sem transmitir o quão tocada eu fui e fiquei nos encontros com os grupos e os sujeitos. A experiência foi intensa e me (trans)formou enquanto mulher e como profissional; e ainda me fez (re)pensar o modo como eu quero envelhecer. Ou melhor, seguir envelhecendo!

Depois de concluir [...], percebi que é possível rimar a palavra idade com maturidade, **felicidade**, reciprocidade, dignidade, **autenticidade**, serenidade, finalidade, **oportunidade**, personalidade, **sensibilidade**, curiosidade, intensidade, profundidade, centralidade, espontaneidade, sinceridade, integridade, totalidade, naturalidade, **singularidade**, individualidade, originalidade, necessidade, humanidade, preciosidade, estabilidade, **continuidade**, tranquilidade, generosidade, **positividade**,

elasticidade, criatividade, ludicidade, inventividade, **capacidade**, mobilidade, cumplicidade, proximidade, intimidade, atividade, produtividade, **possibilidade**, vitalidade, maioridade, longevidade, jovialidade, **visibilidade**, sexualidade, conjugalidade, feminilidade, masculinidade, maternidade, paternidade, **subjetividade**, objetividade, utilidade, comunidade, simplicidade, facilidade, prosperidade, racionalidade, fidelidade, responsabilidade e muito mais idades (GOLBENBERG, 2022, p 154 e 155, grifo da autora).

Destaquei em negrito as minhas preferidas.

Este estudo não é um final, muito menos estanque. Espero que novas pesquisas surjam, com mais participantes, aprofundando e expandindo a temática.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M.C. **Velhice: uma nova paisagem**. São Paulo: Ágora, 2017.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANTUNES, E. F. **A dança tradicional gaúcha como fator de mudança: um estudo na perspectiva sociocultural**. 2019. 95 f. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social). Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social. Universidade de Cruz Alta. Cruz Alta, 2019.
- ARAÚJO, C; SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (orgs). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 15 – 77, 2005.
- BAECHLER, J. Grupos e sociabilidades. In: BOUDON, Raymond. **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BASSIT, A. Z.; WITTER, C. Envelhecimento e Gênero. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 3416-3429, 2017.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CAMARANO, A.M. Relações Familiares, Trabalho e Renda entre Idosos. In: Júnior. J. C. B (org). **Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na Terceira Idade**. 1 ed. São Paulo: Editora Edicon, 2009.
- CAMILLO, J.; PEREIRA, T. S. **Danças Folclóricas e Tradicionais Gaúchas - Uma proposta pedagógica**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013.
- CASTRO, D. L. **Dançar na Maturidade: experiências artísticas na região sul do Brasil**. 2020. Tese (Doutorado em Motricidade Humana na especialidade de Dança) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa, 2020.
- Centro de Pesquisas Folclóricas Piá do Sul. Festival Estadual Tradicionalista Xiru e Veterano. **Página Inicial**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.cpfpiadosul.com.br/festxiru>. Acesso em: 05 Jan. 2023.
- CHECOM, D. C.; GOMES, G. C. A influência da dança na melhoria da qualidade de vida do idoso. **Revista Uningá Review**, v. 24, n. 2, 2015.
- CONVENÇÃO TRADICIONALISTA GAÚCHA ORDINÁRIA, 77. 2012, CTG Última Tropeada. **Ata da 7ª sessão plenária**. Guaporé, Jul. 2012.

CÔRTEZ, J.C.P. **Falando'em'tradição'e'folclore'gaúcho: excertos jornalísticos.**- Porto-Alegre,1981

COSTA, M. V. Novos olhares na pesquisa em educação. In:COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação.** 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, p.13 -22, 2007.

CUNHA, L. S. KARAWEJCZYK, T.C. **Mulheres na gestão de ctg's: o perfil das patroas no Rio Grande do Sul.** Salvador BA: UCSal, 8 a 10 de out. de 2014

DUARTE, G.O. "**Bloco das Irenes**": articulações entre **Amizade, Homossexualidade(s) e o processo de Envelhecimento.** 2013. 236 folhas. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DUTRA, C. F. **A Prenda no imaginário tradicionalista.** 2002. 136f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ERBOLATO, R. Relações Sociais na Velhice. In: E. V. Freitas, et al. (Eds.), **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 957-964, 2002.

ESTEVES, C. S., et al. Qualidade de vida no consumidor da terceira idade: influência da prática da dança. In: **XIII Seminários de Administração.** 2010.

FAGUNDES, A. A. Depoimento de Antônio Augusto Fagundes: **Projeto Garimpando Memórias.** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – Esef/Ufrgs, 2011

FISCHER, M. **Futuros Antropológicos – redefinindo a cultura na era tecnológica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011

FRANCO, J. A. **Envelhecer bem: Uma questão de sucesso.** Nursing. 2010

GARCIA, M. A. A., YAGI, G. H., SOUZA, C. S., ODONI, A. P. C., FRIGÉRIO, R. M. & MERLIN, S. S. Atenção à saúde em grupos sob a perspectiva dos idosos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem;** p.175-182, 2006.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5a ed. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital: gênero, casamento e envelhecimento na cultura brasileira.** Redige, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 192-200, 2010.

\_\_\_\_\_. **A invenção de uma bela velhice: projetos de vida e a busca de felicidade.** 3ªed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

GONÇALVES, C. D. Envelhecimento bem-sucedido, envelhecimento produtivo e envelhecimento ativo: reflexões. **Estud. Interdiscipl. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 645-657, 2015

GROISMAN, D. Velhice e História: perspectivas teóricas. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, n.10, p.43-56. 1999.

GUERRA, S.S. et al. Experiências de pessoas idosas que participam de grupos de convivência. **Rev. Pesqui.** Universidade federal do Estado do Rio de Janeiro, Online. 12: 263-268, jan.-dez. 2020.

GUSMÃO, N. M. M. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In A. L. Neri (Org.), **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, sociológicas e psicológicas**. Campinas, SP: Papyrus. p. 113-139, 2001.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 22, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HEPPLE, R.T. Sarcopenia: a critical perspective. **Sci Aging Knowledge Environ**. p. 31-40, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, [s. d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=35938&t=resultados>. Acesso em: 05 jan. 2023.

IWANOWICZ, J. B. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: **Temas sobre lazer. Campinas** (Coleção Educação Física e Esportes). SP: Autores Associados, 2000.

JIANG, Y. Influence of square dancing on motor function of middle-aged and elderly women. In **Rev Bras Med Esporte**, v.28. Nov-Dec, 2022

LARROSA, Jorge. **Estudar = Estudar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LI, G et al. The effect of traditional Tibetan guozhuang dance on vascular health in elderly individuals living at high altitudes. **Am J Transl Res**. Aug, 2020

LIMA, L. C. V.; BUENO, C. M. L. B. Envelhecimento e gênero: a vulnerabilidade de idosas no Brasil. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 2, n. 2, p. 273-280, mai./ago. 2009. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2018.

LIMA, T. **Grupos de Terceira Idade e Sociabilidade**: um estudo no município de Santa Maria, RS. 2017; Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2016.

LESSA, L. C. B. **Rio Grande do Sul: prazer em conhecê-lo**. Rio de Janeiro: Globo, 1984.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6a. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACIEL, M. E. **A Memória Tradicionalista: Os Fundadores**. Trabalho apresentado no XXIII Encontro Anual do ANPOCS, Caxambu, 1994.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAINARDES, J. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **Pesquisa Social: Reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, p. 99-124, 2009

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. São Paulo: Bookman, 2012.

MAROTTI, J. et al. Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, v.20, n.2, p. 186-194, 2008

MELO, C.C.de et al. A influência do tempo de prática de dança de salão nos níveis de depressão de idosos. **Revista de Psicologia del Deporte**, vol 27, pp. 67-73, 2018

MEYER, D.E. **Identidades Traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro- evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; S. Leopoldo: Ed. Sinodal, 2000

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec: 2014.

MORTARI, K.; BATALHA, A.P. Quando a diversidade dos corpos faz protagonismo na dança: para uma leitura do "4º Colectivo". In: A. Macara; A.P. Batalha & K. Mortari (Eds.) **Corpos imperfeitos: reflexões para o entendimento da diversidade do performer contemporâneo**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana. 2016

MOTTA, A. Chegando pra idade. In: BARROS, M. **Velhice ou terceira idade?**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

NADOLNYA, A.M et al. A Dança Sênior como recurso do terapeuta ocupacional com idosos: contribuições na qualidade de vida. In Cad. Bras. **Ter. Ocup.** V. 28, Abr-Jun, 2020

NATIVIDADE, M. R. & COUTINHO, M. C. O trabalho na sociedade contemporânea: Os sentidos atribuídos pelas crianças. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p.430-439, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000200021>. Acesso em 07 Abr de 2023.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: V. Molina Neto & A. Triviños. **A pesquisa qualitativa na educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, p. 61-93, 1999

NERI, A. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e sociologia. In: A. Neri (Ed.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 4a ed. Campinas – SP: Papiru, p.11-37, 2008.

NOVAES, M.H. **Psicologia da Terceira Idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2.ed. aument. Rio de Janeiro: NAU, 2000

OLIVEIRA, C. R. de, **Prática de Danças Tradicionais do Rio Grande do Sul como fator de proteção para a mobilidade, experiência de quedas e qualidade de vida em idosos**. 2019. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica) – Escola de Medicina, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

OLIVEIRA, D.V et al. Idosos frequentadores de clubes de dança possuem maior propósito na vida do que os não frequentadores. **Mudanças – psicologia da saúde**, v28, p.1-8, Jan-Jun, 2020,.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global Forum for Health Research: The90/90 Report on Health Research**. Genebra: Organização Mundial da Saúde. 2000

\_\_\_\_\_. **Envelhecimento ativo: uma política de Saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

\_\_\_\_\_. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde** - Resumo. 28 p., 2015. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2018.

PACHECO, R. O.; SANTOS, S. S. C. Avaliação global de idoso em unidades de PSF. **Textos sobre Envelhecimento**, v. 7, n.2, p. 45-61, 2004.

QUARESMA, M.L. **Envelhecer com futuro**. Fórum Sociológico. v.17, p.37- 42, 2007. Série II. Lisboa. Disponível em: <https://sociologico.revues.org/1618> Acesso em: 5.jun.2021.

RAMOS, N. Família, solidariedade e relações intergeracionais e de gênero: avós e netos na contemporaneidade. In:Moreira, L. V. C., Rabinovich, E. P., & Ramos, N. Pais, **Avós e Relacionamentos Intergeracionais na Família Contemporânea**, 227–247.Curitiba, PR: Ed. CRV. 2017

RIBEIRO, L. M. **O papel das representações sociais na educação ambiental**. Dissertação de Mestrado, pela Pontifícia Universidade Católica. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2003

ROBERT, L. **O Envelhecimento: Factos e Teorias**, Lisboa: Instituto Piaget, 1995

ROSA, C. M. **Envelhecer em tempos de juventude: corpo, imagem e temporalidade**. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ROSAS C, SANTOS D.S, NASCIMENTO N.A DO, KUMAKURA A.R.S.O. Dança de salão para idosos: estratégia de educação em saúde. **Rev enferm UFPE on line**. 2020

RUAS, T. Um poeta missioneiro, sim, e universal. In: **Revista de crítica e democracia participativa** do PT de Porto Alegre Insurgente. Julho de 1999

SANTA MARIA (RS). **Regulamento do XXIV Festxiru**. Nov, 2022. Disponível em: [https://www.cpfpiadosul.com.br/files/ugd/f4ffc5\\_a5912e9a65704a98ae326f4e9f31fe9.pdf](https://www.cpfpiadosul.com.br/files/ugd/f4ffc5_a5912e9a65704a98ae326f4e9f31fe9.pdf) Acesso em: 25.jun.2023

SANTOS, D. L. **Condições de vida, acesso e utilização dos serviços de saúde no município de Camaquã, RS: Contribuições ao estudo dos determinantes sociais da saúde**. Porto Alegre: 2009. 126f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009

SCHLEE, A.G. **Dicionário da cultura pampeana sul-rio-grandense**. Fructos do Paiz, Pelotas, 2019.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O Envelhecimento na Atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v.25, n.4, pp.585-593, out./dez, 2008

SCHWAIGER, L. Performing one's age: cultural constructions of aging and embodiment in western theatrical dancers. **Dance Research Journal**. 37(1), 107-120. 2005. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/20444622?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/20444622?seq=1#page_scan_tab_contents) Acesso em: 10.ab.2021

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1989

SILVA, E.B; MENDES, J.S; FARIAS, J.T; SALLES, P.G. Influência da Dança de Salão na coordenação motora de idosos. **Revista Presença**, v2,p. 55-66, 2017

SILVA E.V, MARTINS F, BACHION M.M, NAKATANI A.Y.K. Percepção de idosos de um centro de convivência sobre envelhecimento. **Reme – Rev Min Enf**; v. 10, p. 46-53, 2006,

SILVA, K. M., NITCSKE, R. G., & SANTOS, S. M. A. dos. A dança e o envelhecimento: benefícios descritos na literatura. **Ciência, Cuidado E Saúde**, v.18. 2018

SILVA, T. T. da. **O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, M. C. B.; CIRNE, P. R. F. **A evolução histórica da mulher gaúcha: na sociedade gaúcha, na revolução farroupilha e inserção no tradicionalismo (origem do vestido de prenda)**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2013.

SIQUEIRA, M.E.C. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E.V; PY, Ligia; Neri, A.L; CANÇADO, F.A.X; Gorzoni, M.L; ROCHA, S.M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2002

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019

THOMPSON, S.; THOMPSON, N.. **Older people, crisis and loss. Illness, Crisis & Loss**, v. 7, p. 122-133, 1999

TOYAMA, K.. Old, weak, and invalid: dance in inaction. In: N. Nakajma & G. Brandstetter. (Eds). **The aging body in dance**. (pp. 122-136). London, New York: Routledge, 2017

VEIGA-NETO, A. Michel Foucault e os estudos culturais. In: Costa, M.V. (org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2000

VILHENA, J.; ROSA, C. M.; NOVAES, J. V. Para além dos anos vividos. Uma leitura das categorias clínico-discursivas acerca da velhice. In: Pocinho, R., Santos, E. (orgs) **Envelhecer hoje, conceitos e práticas**. Coimbra, Legis, 2013

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. Interação humana e gestão: A construção psicossocial das organizações de trabalho. 3º ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

ZILIDOU V.I et al. Functional Re-organization of Cortical Networks of Senior Citizens After a 24-Week Traditional Dance Program. **Front Aging Neurosci**. Dec, 2018

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – CARTA-CONVITE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS – CEFD**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA**



### CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezados,

Sou Bruna de Bragas Freitas, tradicionalista, licenciada em Dança, especialista em Estudos de Gênero, e atualmente mestranda em Gerontologia, todos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Sob orientação do professor Dr<sup>o</sup>. Gustavo de Oliveira Duarte, entro em contato para apresentar-lhes minha proposta de estudo.

Como quem cumpre um ritual, o tempo percorre a vida, leva a mocidade, as geadas caem sobre os cabelos e ano a ano, ainda que a contra gosto, aparece um traço novo no rosto. Mesmo que tentemos ludibriar a intervenção do tempo, seguimos sujeitos a ele: envelhecer é um processo irreversível. O mote desde trabalho será a percepção sobre o envelhecimento de sujeitos-dançarinos de invernadas xiruas da cidade de Santa Maria-RS. O estudo justifica-se pela importância histórico-cultural e social, pois é um tema de estudos ausentes, inovador e original. Ao final, espera-se que os sujeitos-dançantes consigam uma (auto)reflexão sobre seu corpo e(m) envelhecimento; refletir benefícios ou malefícios ao seu viver-dançar; que a pesquisa tenha também impacto para os sujeitos profissionais atuantes em invernadas artísticas, quem sabe chegando a atingir suas didáticas de ensino-aprendizagem e que as tais passem a respeitar mais cada corpo e suas faixas-etárias; que entendamos a percepção de envelhecimento e relações sociais quando se compara homens e mulheres.

Comprometo-me pela conduta ética e científica da pesquisa, bem como o sigilo dos dados. A realização do estudo se dará na forma de encontros nos ensaios dos grupos (previamente agendados), além de questionários e entrevistas. A participação dos sujeitos constará em possíveis aparições nas imagens feitas do grupo nos ensaios, responder o questionário e dispor de uma entrevista, que terá gravação de voz para posterior transcrição e análise. Sendo de participação voluntária, importante dizer que a realização da pesquisa não causará nenhum risco quando se trata da dimensão física dos sujeitos. Durante todo o período da pesquisa, os sujeitos terão a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, com a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Em meus trabalhos acadêmicas sempre levei o tradicionalismo gaúcho, pois pesquisar o ambiente que faço parte a tanto tempo é de grande honra. Fico a disposição a qualquer dúvida e espero que aceitem o convite para participar da pesquisa.

Saudações Tradicionalista.

Bruna de Bragas Freitas

(55)996569865

Gustavo de Oliveira Duarte

## APENDICE B- QUESTIONÁRIO DOS DANÇARINOS

### QUESTIONÁRIO DE DANÇARINOS DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DO MESTRADO EM GERONTOLOGIA/UFMS – PESQUISA DA MESTRANDA BRUNA DE BRAGAS FREITAS

ESTE QUESTIONÁRIO É DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA E ESTÁ SOB SIGILO DE DADOS, TENDO SEU USO PARA FINS EXCLUSIVAMENTE ACADÊMICOS.

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: \_\_\_\_\_

Gênero: ( ) Mulher ( ) Homem ( ) Outra identificação

Idade: \_\_\_\_\_

Cor: ( ) Branca ( ) Preta ( ) Parda ( ) Amarela

#### CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) separado/divorciado  
( ) viúvo ( ) outro: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) analfabeto/sem escolaridade  
( ) fundamental incompleto ( ) fundamental completo  
( ) médio incompleto ( ) médio completo  
( ) ensino superior incompleto ( ) ensino superior completo  
( ) pós graduação incompleta ( ) pós graduação completa

Filhos: ( ) não ( ) sim. Quantos: \_\_\_\_\_

Com quem você mora: ( ) sozinho ( ) cônjuge  
( ) filhos ( ) netos ( ) outros: \_\_\_\_\_

Ocupação atual: \_\_\_\_\_

Renda média mensal: ( ) menos que um salário mínimo (abaixo de R\$ 1.212)  
( ) entre um 1-2 salários mínimos (R\$ 1.212 – R\$ 2.424)  
( ) entre 2-3 salários mínimos (R\$ 2.424 - R\$3.636)  
( ) entre 3-4 salários mínimos (R\$ 3.636 – R\$ 4.848)  
( ) + de 4 salários mínimos (acima de R\$ 4.848)

#### CONDIÇÕES DE SAÚDE

Você tem alguma doença? ( ) sim ( ) não

Caso AFIRMATIVO marque com um x as doenças

( ) doença cardíaca ( ) hipertensão ( ) artrose ( ) artrite  
( ) dores lombares ( ) osteoporose ( ) asma ( ) bronquite  
( ) Alzheimer ( ) depressão ( ) diabetes ( ) câncer  
( ) dores no joelho ( ) incontinência urinária ( ) doença nos olhos ( ) Parkinson  
( ) Outros: \_\_\_\_\_

Você fuma? ( ) não ( ) sim. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_

Você já fumou? ( ) não ( ) sim. Por quanto tempo? \_\_\_\_\_

**PRÁTICA DE ATIVIDADES**

1. Você pratica alguma atividade ou exercício físico regularmente, além do grupo de danças tradicionais gaúchas que participa? ( ) não ( ) sim.

Caso AFIRMATIVO responda:

Quais? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo? \_\_\_\_\_

Quantas vezes por semana? \_\_\_\_\_

Qual a duração? \_\_\_\_\_

**MOTIVOS DE ADESÃO**

2. Há quanto tempo você dança? \_\_\_\_\_

3. E na internada xiru, você está a quanto tempo? \_\_\_\_\_

4. Quais os motivos que o levaram a INGRESSAR no grupo xiru? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. Quais os motivos que o levam a PERMANECER? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Sobre envelhecer**

6. Para você, qual o significado de envelhecer? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7. Como você se vê envelhecendo? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Sobre envelhecer no Movimento Tradicionalista Gaúcho**

8. Numa visão geral, como você percebe o envelhecimento dos dançarinos de CTG? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

9. Você acredita que a prática das Danças Tradicionais Gaúchas faz diferença para sua saúde e envelhecimento? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

10. Você acredita que as Danças Tradicionais Gaúchas são pensadas para o sujeito mais velho? Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

11. Como você se percebe dançando conforme o passar dos anos? Sente mudanças no corpo ou alguma dificuldade? Comente. \_\_\_\_\_

---

---

---

---

**Sobre as dinâmicas de ensino-aprendizagem**

12. Você percebe alguma didática diferente que seu/sua instrutor(a) usa com o grupo xirú? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

**13. SOBRE INSTRUÇÃO**

13.1 Se seu INSTRUTOR É HOMEM e VOCÊ É MULHER: Como se sente? Como percebe o ensino? Acredita que precisa de alguma referência feminina? Comente sobre isso. \_\_\_\_\_

---

---

---

---

**13.2** Se seu INSTRUTOR É HOMEM e VOCÊ É HOMEM: Como se sente? Como percebe o ensino? Acredita que as prendas precisem de alguma referência feminina? Comente sobre isso. \_\_\_\_\_

---

---

---

**13.3** Se sua INSTRUTORA É MULHER e VOCÊ É MULHER: Como se sente? Como percebe o ensino? Acredita que os homens precisem de referência masculina? Comente sobre isso. \_\_\_\_\_

---

---

---

**13.4** Se sua INSTRUTORA É MULHER e VOCÊ É HOMEM: Como se sente? Como percebe o ensino? Acredita que precisem de referência masculina? Comente sobre isso. \_\_\_\_\_

---

---

---

## APÊNDICE C- ROTEIRO DA ENTREVISTA

1 Gostaria que você se apresentasse.

- 1.1 Idade<sup>36</sup>
- 1.2 Profissão
- 1.3 Estado civil

2 O que é envelhecimento segundo o seu entendimento?

- 2.1 Envelhecer te incomoda? Por quê?
- 2.2 Envelhecer te trouxe algum benefício?
- 2.3 E o envelhecer dançando?

3 Me conta um pouco como é sua história no tradicionalismo gaúcho.

- 3.1 Há quanto tempo você dança em CTG
- 3.2 Quais categorias já dançou?
- 3.3 Quanto tempo nesse grupo?

4 O que é dança pra ti?

5 Por que você dança?

- 5.1 Alguma coisa mudou a partir da experiência em dança com seu grupo?

6 Como é participar de uma apresentação de dança com a sua idade?

- 6.1 Vocês costumam ter retorno do público em relação aos espetáculos que apresentam? Se sim, como costuma ser este feedback?

7 De forma geral, como você se sente corporalmente no dia a dia? E quando dança?

- 7.1 Sente a mudança do corpo nas danças tradicionais?
- 7.2 Sente falta de algum tipo de trabalho específico para esse público?

8 Você acredita que o manual e as danças tradicionais impõe limites as pessoas mais velhas

- 8.1 Se fosse preciso elencar algumas dessas limitações, quais seriam?
- 8.2 Acha que é por isso que os grupos xirus tem diminuído e aumentado a categoria veterana?

9 Quais questões você acha importante sobre os assuntos abordados aqui e não foram levantadas?

---

<sup>36</sup> Os subitens estão em uma caixa porque representam as perguntas secundárias, que só serão feitas aos entrevistados caso eles não as respondam naturalmente.

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DOS INSTRUTORES

### QUESTIONÁRIO PARA INSTRUTOR(A) DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DO Mestrado EM GERONTOLOGIA/UFMS – PESQUISA DA MESTRANDA BRUNA DE BRAGAS FREITAS

ESTE QUESTIONÁRIO É DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA E ESTÁ SOB SIGILO DE DADOS, TENDO SEU USO PARA FINS EXCLUSIVAMENTE ACADÊMICOS.

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: \_\_\_\_\_

Gênero: ( ) Mulher ( ) Homem ( ) Outra identificação

Idade: \_\_\_\_\_

Cor: ( ) Branca ( ) Preta ( ) Parda ( ) Amarela

#### CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) separado/divorciado  
( ) viúvo ( ) outro: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) analfabeto/sem escolaridade  
( ) fundamental incompleto ( ) fundamental completo  
( ) médio incompleto ( ) médio completo  
( ) ensino superior incompleto ( ) ensino superior completo  
( ) pós graduação incompleta ( ) pós graduação completa

Filhos: ( ) não ( ) sim. Quantos: \_\_\_\_\_

Com quem você mora: ( ) sozinho ( ) cônjuge  
( ) filhos ( ) netos ( ) outros: \_\_\_\_\_

Ocupação atual: \_\_\_\_\_

Renda média mensal: ( ) menos que um salário mínimo (abaixo de R\$ 1.212)  
( ) entre um 1-2 salários mínimos (R\$ 1.212 – R\$ 2.424)  
( ) entre 2-3 salários mínimos (R\$ 2.424 - R\$3.636)  
( ) entre 3-4 salários mínimos (R\$ 3.636 – R\$ 4.848)  
( ) + de 4 salários mínimos (acima de R\$ 4.848)

1. Há quanto tempo você faz parte no Movimento Tradicionalista? Comente sobre como foi o seu ingresso.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Você já foi dançarino(a)? Se sim, quanto tempo e em quais categorias? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Você tem algum curso preparatório para dar aula nas invernadas? Comente. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. Há quanto tempo e como iniciou como instrutor(a)? \_\_\_\_\_

---

---

---

5. Você tem invernadas de todas as categorias? Se a resposta for sim, como é pensada a dinâmica do ensaio para cada uma? \_\_\_\_\_

---

---

---

6. Você usa outra metodologia para o grupo xiru ou acha que é necessário? \_\_\_\_\_

---

---

---

7. Como você vê o manual de danças tradicionais gaúchas para os sujeitos mais velhos? \_\_\_\_\_

---

---

---

8. E sobre as avaliações de grupos xirus em competições/rodeios, como você as percebe? \_\_\_\_\_

---

---

---

9. Se você ministra os ensaios sozinho(a): você faz a parte de peão e prenda? Como os dançarinos reagem? \_\_\_\_\_

---

---

---

10. Se você precisa de trabalhos colaborativos nos ensaios: por que acredita que precise de ajuda de outro sujeito (provavelmente do gênero oposto)? É diferente a recepção dos dançarinos? \_\_\_\_\_

---

---

---

## **ANEXOS**

## ANEXO A – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Envelhecer dançando: a Dança Tradicional Gaúcha em grupos xirus de Santa Maria/RS

Pesquisador responsável: Gustavo de Oliveira Duarte

Mestranda: Bruna de Bragas Freitas

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria- Centro de Educação Física e Desportos

Telefone e endereço postal completo: (55) 3220-0000. Avenida Roraima, 1000, prédio 51, sala 1037, 97105-970 - Santa Maria - RS

Local da coleta de dados: Centros de Tradições Gaúchas de Santa Maria/RS

Nós, Bruna de Bragas Freitas e Gustavo de Oliveira Duarte, responsáveis pela pesquisa 'Envelhecer dançando: a Dança Tradicional Gaúcha em grupos xirus de Santa Maria/RS', o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 09/05/2023, com número de registro 68552823.8.0000.5346 Esta pesquisa pretende entender como se dá a percepção sobre o processo de envelhecimento, a partir das Danças Tradicionais Gaúchas, em sujeitos-dançarinos de internadas xirus da cidade de Santa Maria-RS. Acreditamos que ela seja importante pela importância histórico-cultural e social, pois é um tema de estudos escassos. A realização do estudo se dará na forma de encontros nos ensaios dos grupos, além de questionários e entrevistas. Sua participação constará em possíveis aparições nas imagens feitas do grupo nos ensaios, responder o questionário e dispor de uma entrevista, que terá gravação de voz para posterior transcrição e análise. Sendo sua participação voluntária, você não receberá benefício financeiro. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

Os riscos deste estudo são considerados mínimos, mas os participantes poderão sentirem-se constrangidos e/ou desconfortáveis ao serem gravados, por exemplo, assim como sentirem emoções desagradáveis, atuais ou relativas a recordatório de fatos anteriormente vivenciados, os quais serão imediatamente acolhidos. Para diminuir o desconforto, a qualquer momento o sujeito poderá parar a entrevista, que será feita em um local privado. A realização da pesquisa não causará nenhum risco quando se trata da dimensão física dos sujeitos. Durante todo o período da pesquisa, você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa você terá direito a assistência gratuita que será prestada pelos profissionais das instituições envolvidas. Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Os benefícios da pesquisa serão de proporcionar aos indivíduos participantes uma maior compreensão e reflexão do tema abordado. Também almeja-se que os resultados sejam estimulantes para outras pesquisas na área. Os sujeitos terão um retorno em forma de palestra, para que veja o resultado de sua colaboração.

As informações e imagens dessa pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas apenas em eventos ou publicações sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

*Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM – CEP da UFSM*

Av. Roraima, n. 1000 - Prédio da Reitoria, 7º andar, sala 725 - bairro Camobi - Santa Maria/RS - CEP 97.105-900  
 Telefone: (55) 3220-9362 - E-mail: cep.ufsm@ufsm.br - Web: www.ufsm.br/pro-reitorias/prpgp/cep/



### Autorização

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

*Bruma Freitas*

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável pela Obtenção do TCLE

Santa Maria, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## ANEXO B – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



Título do estudo: Envelhecer dançando: a Dança Tradicional Gaúcha em grupos xirus de Santa Maria/RS

Mestranda: Bruna de Bragas Freitas

Pesquisador Responsável: Gustavo de Oliveira Duarte

Instituição/Departamento: UFSM / Centro de Educação Física e Desportos

Telefone e endereço postal completo: 55 996569865 / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e Desportos, Av. Roraima, 1000 - Prédio 51 – Camobi, Campus Universitário - Km 9, CEP: 97105-900 - Santa Maria - RS

O responsável pelo presente projeto se compromete a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio do diário de campo, questionário e entrevistas. Informa ainda que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente no decorrer da execução do projeto, e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como mantidos seguros na Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e Desportos, Av. Roraima, 1000 - Prédio 51 – Camobi, Campus Universitário - Km 9, CEP: 97105-900 - Santa Maria – RS, sob responsabilidade do pesquisador responsável Gustavo de Oliveira Duarte, por um período de cinco anos. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 09/05/2023, com número de registro 68552823.8.0000.5346.

Santa Maria, 03 de novembro de 2022.

Gustavo de Oliveira Duarte  
Pesquisador responsável

Bruna de Bragas Freitas

## ANEXO C – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

### AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pelo grupo

\_\_\_\_\_,  
autorizo a realização do estudo Envelhecer dançando: a Dança Tradicional Gaúcha em grupos  
xirus de Santa Maria/RS, a ser conduzido pelos pesquisadores BRUNA DE BRAGAS FREITAS E  
GUSTAVO DE OLIVEIRA DUARTE.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem  
como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do  
presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos  
sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de  
tal segurança e bem-estar.

SANTA MARIA, \_\_\_\_ DE \_\_\_\_ DE \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_

Assinatura do responsável institucional